

# CORAÇÃO DESAFIADO

— Corrigan Hart e Dorie Wayne —

(Christmas cowboy)

*Diana Palmer*

Irmãos Hart 1

Série Homens do Texas 17



Aos 18 anos, a bela Dorie Wayne teve um breve namoro com o intempestivo Corrigan Hart, um dos cinco indomados irmãos Hart. Corrigan não era do tipo que se casa, mas seu desejo por Dorie se tornava cada vez mais incontrolável. Inocente, porém apaixonada pelo sexy cowboy, Dorie decidiu não se entregar a ele em um momento de paixão, e partiu para Nova York, onde começou sua carreira como modelo. Oito anos mais tarde, Dorie retoma para Jacobsville, mais madura e segura de si, e reencontra Corrigan. Agora, eles terão de reavaliar o passado para poderem planejar um futuro.

**OBS:** Livro também conhecido como "Natal Do Cowboy".



**Digitalização: Ana Cris  
Revisão: Crysty**

Tradução *Marie Olivier*

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./ S.à.r.l.  
Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.  
Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: CHRISTMAS COWBOY  
Copyright © 1997 by Diana Palmer  
Originalmente publicado em 1997 por SP-Christmas Anthology

Título original: IF WINTER COMES  
Copyright © 1979 by Diana Palmer  
Originalmente publicado em 1990 por Silhouette Reprint  
Editoração Eletrônica:

ABREU'S SYSTEM  
Tel.: (21) 2220-3654/2524-8037  
Impressão:

RR DONNELLEY MOORE  
Tel.: (55 11) 2148-3500  
[www.rrdonnelley.com.br](http://www.rrdonnelley.com.br)

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil: Fernando Chinaglia  
Distribuidora S/A Rua Teodoro da Silva, 907  
Grajaú, Rio de Janeiro, RJ – 20563-900 Tel.: (55 21) 3879-7766

## CAPÍTULO 1

Era época de festas em Jacobsville, Texas. Luzes de Natal, em cores alegres, cruzavam a rua principal. Guirlandas verdes e coroas de flores enfeitavam cabos telefônicos ao longo do caminho. No centro da cidade, as pequenas árvores dos canteiros, dispostas a intervalos regulares nas calçadas, também estavam iluminadas.

Indivíduos, devidamente agasalhados, andavam apressados, carregando sacolas de presentes, para serem colocadas sob as árvores de Natal. Mesmo no sul do Texas fazia frio no final de novembro. E, na rua principal, o Optimist Club já exibia a sua árvore. Uma família, de quatro pessoas, caminhava, admirando as maravilhosas decorações de Natal, logo depois do dia de Ação de Graças.

Dorie Wayne olhou à volta como uma criança olharia a vitrine de uma loja, com brinquedos que não poderia ganhar. A mão acariciou a pequena cicatriz na maçã do rosto, que fora perfeita, e estremeceu. Séculos pareciam ter se passado desde o dia em que ficara parada ali, naquela mesma esquina, em frente à farmácia, de Jacobsville, quando perdera Corrigan Hart. Fora uma decisão impulsiva. Tinha apenas 18 anos e ele a assustava. Era tão másculo, um homem maduro de temperamento frio e vontade ferrenha. Quando flertou com Dorie, ela o achou amedrontador e não atraente, embora soubesse que todas as mulheres solteiras da redondeza se atirariam a seus pés, se ele lhes desse chance.

Lembrou-se dos cabelos negros e dos olhos claros e frios.

A princípio, julgou ter se sentido atraído por ela ser tão clara, ao contrário dele, tão moreno. O cabelo de Dorie era tão louro que chegava a ser platinado; curto, farto e naturalmente ondulado. Era delicada e bonita; tinha grandes olhos cinza, só uma tonalidade mais escura que a de Corrigan. Ele era muito bonito, diferente dos irmãos.

Pelo menos era o comentário geral. Dorie não chegara a conhecer os outros irmãos quando deixou Jacobsville. E apenas Corrigan e três dos irmãos moravam na cidade. Ninguém jamais falava do quinto Hart. Nem mesmo conheciam seu nome.

Corrigan e três dos quatro irmãos tinham vindo de San Antônio para Jacobsville oito anos atrás para assumir uma bem-sucedida criação de gado, deixada pelo avô em testamento.

Muitos até diziam que os Hart não tinham coração, um trocadilho entre o nome de família dos irmãos, Hart, e a palavra "coração" em inglês, *heart*, pois pareciam imunes às mulheres. Viviam isolados e não se ouvia nenhum comentário a respeito de namoradas. Mas tudo mudou quando Dorie, numa dança de quadrilha local, se viu rodopiando nos braços de Corrigan Hart.

Sendo o tipo de homem que não permite interferências em sua vida, deixou claras suas intenções desde o início. Achava-a interessante. Sentia-se atraído. Desejava-a. Simples assim!

Nunca mencionara casamento, noivado ou até mesmo a possibilidade furtiva de viverem juntos. Corrigan afirmava não fazer o tipo casadoiro. Não queria compromisso.

Não havia dúvida, pois nunca fez menção de apresentá-la aos irmãos. Mantinha-a afastada do rancho.

Entretanto, apesar da aversão a relacionamentos, queria sempre encontrá-la. Desejava-a e, a cada beijo, Dorie ficava mais envolvida e apaixonada.

Então, num dia de primavera, beijou-a apaixonadamente, carregando-a para o quarto durante a ausência do pai, que fora jogar pôquer.

Apesar do efeito alucinante dos beijos ardentes e dos arrepios despertados por mãos habilidosas, Dorie recuperara o bom senso e o afastara. Surpreso, olhou-a espantado, curioso, só percebendo tardiamente que ela estava tentando se afastar e não se aproximar.

Lembrava, ruborizada, que ele parará e se levantará; a respiração pesada, os olhos brilhando de desejo frustrado. Reclamou de garotas que costumam excitar, mas que depois recuavam. Ao que ela respondeu mencionando solteirões convictos incapazes de aceitar "não" como resposta, apesar de tê-lo avisado que ela não era do tipo fácil.

Não acreditava, disse frio. Estava apenas fazendo joguinho visando ao casamento e não havia esperança disso vir a acontecer. Queria dormir com ela e ela também parecia desejá-lo. Mas não a queria por toda a eternidade.

Estava apaixonada e a rejeição emocional destruiu algo frágil dentro de si. Mas não estava disposta a demonstrar a dor.

Ele prosseguira, na mesma linha. Um insulto levava a outro e, quando ficou realmente furioso, saiu batendo a porta. Ao partir, dissera que ela devia ser doida se achava que ele acreditaria em sua virgindade. Não existiam mais virgens, nem mesmo entre as garotas de 18 anos.

A rejeição os afastou. Dorie não conseguia se imaginar vivendo em Jacobsville, com todos sabendo que fora dispensada por Corrigan Hart por não ter dormido com ele. E todos saberiam, de um jeito ou de outro. Em cidades pequenas, os segredos costumam ser conhecidos por todos.

Na mesma noite, decidiu aceitar a oferta da prima Belinda e ir para Nova York trabalhar como modelo. Com certeza, tinha os atributos necessários. Podia ser inexperiente, mas tinha porte, graciosidade e um rosto delicado realçado por cabelos louros, curtos e ondulados. Os enormes olhos cinza sobressaíam como faróis, demonstrando felicidade ou tristeza.

Depois daquela noite sórdida, engoliu o sofrimento e comprou uma passagem de ônibus.

Corrigan encontrou-a parada ali, naquela mesma esquina, esperando o ônibus em frente à farmácia.

A abrupta decisão de afastar-se o pusera em seu encalço. Não importava o que ele dissesse, a recusa em encará-lo, combinada com os passos para trás, o deixaram sem ação. Ainda estava magoada com as palavras raivosas dele, assim como com o próprio

comportamento desinibido. Estava envergonhada por ter-lhe permitido tocar o corpo agora que sabia que, por parte dele, só existia desejo.

Corrigan não dissera uma única palavra antes da chegada do ônibus. Não dissera uma única palavra quando Dorie, às pressas, entregou a passagem para o motorista, entrou e sentou-se sem voltar a fitá-lo. Ficou parado debaixo da chuva, sem capa, as mãos enfiadas nos bolsos do jeans enquanto o ônibus dava partida. Era assim que se lembrava dele durante esses longos anos: uma figura solitária desaparecendo ao longe.

Dorie o amara desesperadamente. Mas a auto-estima não lhe permitia ter um caso furtivo na atmosfera conservadora de Jacobsville. Queria um lar, um marido, filhos, tudo.

Corrigan só queria fazer sexo com ela.

Partira com o coração apertado, a respiração presa, durante todo o percurso até Nova York, depois de ter feito o pai jurar manter o mais absoluto segredo sobre seus passos.

Poucas semanas após ter se instalado, recebera uma carta do pai. Contava ter visto Corrigan apenas uma vez desde sua partida e que ele andava interessado em uma divorciada rica e sofisticada. Se ainda nutria algum arrependimento por ter feito a opção de abandonar a cidade, tal notícia o apagou. Não podia ter dúvida a respeito dos sentimentos de Corrigan, seja estava saindo com outra.

Dorie se perguntava se o pai tinha dito algo grosseiro a Corrigan Hart sobre a súbita partida da filha. Não ficaria surpresa. Era filha única de um pai que se tornara ainda mais protetor após o falecimento da mãe de Dorie, vitimada por problemas cardíacos há alguns anos.

E sua opinião sobre homens namoradores era conhecida na cidade. Ele acreditava na conquista à moda antiga, que tinha como fim o casamento. Sobravam poucas pessoas convencionais, repetia sempre. E estas eram os pilares da sociedade. Se deixassem de existir, o caos reinaria. Um homem que amasse uma mulher sentiria orgulho de dar seu nome a ela e aos filhos. E Corrigan, acrescentava, deixara claro para quem quisesse ouvir que não pensava em casamento ou família. Dorie estaria fadada à decepção, caso tivesse cedido às exigências egocêntricas de Corrigan.

O pai morrera. Estava de volta à cidade natal para o funeral, para cuidar da venda da casa e da propriedade e decidir o próprio futuro. No início, tivera muitas esperanças de tornar-se uma modelo bem-sucedida... Cerrou os olhos e estremeceu, inconscientemente, com as lembranças.

— Dorie?

Virou-se ao ouvir a voz hesitante murmurando seu nome. Demorou um pouco para reconhecer o dono da voz.

— Abby? Abby Clark!

— Abby Ballenger — corrigiu-a com um sorriso forçado. — Casei-me com Calhoun.

— Calhoun! — Ficou momentaneamente boquiaberta. O mais novo dos irmãos Ballenger era um tremendo mulherengo e estava casado. E com Abby, a menina tímida e meiga que Calhoun e Justin criaram após a morte dos pais dela. Inacreditável!

— Uma surpresa e tanto, hein? — perguntou Abby, abraçando Dorie. — E tem mais: temos três filhos.

— Não é possível que eu tenha ficado tanto tempo longe! — disse Dorie, hesitante.

— Oito anos. — Abby estava um pouco mais velha, mas os olhos cinza-azulados e os cabelos escuros continuavam bonitos, mesmo já com alguns fios brancos. — Justin se casou com Shelby Jacobs logo depois que me casei com Calhoun. Eles também têm três filhos — acrescentou com um suspiro. — Nenhuma menina.

Dorie sacudiu a cabeça.

— Minha nossa!

— Soubemos que você estava trabalhando como modelo. — A voz sumiu ao ver a grande cicatriz na maçã do rosto. — O que aconteceu?

Os olhos de Dorie não demonstraram emoção.

— Nada de especial. Vi que a carreira de modelo não me servia. Voltei a estudar e terminei o curso de administração. Trabalho para um grupo de advogados. Sou estenógrafa. — Abaixou o olhar. — Jacobsville não mudou nada.

— Jacobsville nunca muda — riu Abby. — Acho reconfortante. — O riso desapareceu dos olhos. — Soubemos do falecimento de seu pai. Sinto muito. Deve ter sido um choque.

— Ele ficou numa casa de repouso perto de onde moro por um tempo, mas sempre repetia que gostaria de ser enterrado aqui. Por isso, trouxe-o para casa. Agradeço por tanta gente ter ido ao enterro. Foi muito gentil.

— Imagino ter percebido um rosto faltando na multidão — comentou Abby com tato, pois sabia como Corrigan Hart vinha persistindo em perseguir Dorie.

— Claro. — Apertou a bolsa. — Ainda fazem brincadeiras sobre os rapazes da família Hart?

— Mais que nunca. Nunca houve um único comentário sobre eles e uma mulher. Acredito estarem determinados a morrer solteiros. Principalmente Corrigan. Virou um recluso. Fica todo o tempo no rancho. Nunca é visto por aqui.

— Por quê?

Abby pareceu evasiva.

— Ele não se mistura e ninguém sabe nada sobre sua vida. Não acha estranho, principalmente numa cidade tão pequena, onde sabemos tudo sobre a vida dos outros, que ninguém fale dele? Mas se mantém isolado e os rapazes nunca falam sobre ele. Transformou-se no mistério local.



— Bem, não olhe para mim como se eu fosse o motivo. Ele se encarregou de se livrar de mim bem rápido — disse, com uma ponta de amargura.

— Isso é o que você pensa. Ele se tornou um verdadeiro terror nas semanas posteriores à sua partida. Ninguém chegava perto dele.

— Ele apenas me queria — respondeu Dorie com teimosia.

Abby estreitou os olhos.

— E você morria de medo dele — lembrou-se. — Calhoun costumava brincar a respeito. Você era muito inocente e Corrigan, um mulherengo. Ele dizia ser uma justiça poética: libertinos caem nas garras de inocentes.

— Lembro de Calhoun como um libertino.

— E era — lembrou-se Abby. — Não mais. Tomou jeito. É o homem mais família do mundo, um pai atencioso, um marido maravilhoso. — Comentou em tom sereno: — Lamento que as coisas não tenham dado certo entre você e Corrigan. Se não tivesse partido daquele jeito, acho que ele teria se dado conta de que não poderia viver sem você.

— Deus me livre! — riu, os olhos rápidos e nervosos. Não era do tipo que apreciasse compromissos. Não cansava de repetir. E eu fui criada... Bem, você sabe como papai era. Pastores decididamente vêm a vida de forma convencional.

— Eu sei.

— Foi uma ótima experiência morar em outro lugar — mentiu, agradecida pelo fato da antiga amiga não ter o dom de ler mentes. — Gosto de Nova York.

— Você tem alguém lá?

— Você quer dizer um namorado, ou, como dizem, uma pessoa especial? — perguntou. — Não. Não me envolvo muito com os homens.

Abby achou estranho ela parecer assustada e a convidou para tomar café e comer um sanduíche na lanchonete.

— Claro, obrigada. Não estou com fome, mas adoraria um chocolate quente.

— Ótimo! — exclamou Abby. — Tenho uma hora livre antes de pegar meus dois mais velhos na escola e o mais novo na creche. Vou adorar a companhia.

A lanchonete estava quase deserta. Era um dia sem movimento, exceto por um caubói com ar desanimado sentado sozinho numa mesa de canto. Bárbara, a proprietária, anotou os pedidos com um sorriso amarelo.

— Que bom ter companhia agradável — disse, olhando em direção ao caubói no canto. — Ele trouxe uma nuvenzinha negra, cada vez mais carregada. — Debruçou-se para ficar mais próxima.

— É um dos empregados de Hart — cochichou.

— Ou era até esta manhã. Parece que foi demitido por Corrigan.



O som do nome foi suficiente para fazer o coração de Dorie disparar, mesmo depois de tantos anos. Mas se controlou para não demonstrar. Nada mais tinha a oferecer a Corrigan, mesmo se ele ainda estivesse interessado nela. E isso era uma piada. Se ele se importasse, mesmo um pouquinho, teria ido a Nova York procurá-la.

— Demitiu? — Abby espiou o homem carrancudo. — Mas esse é Buck Wyley. É o capataz dos Hart. Trabalha para a família desde que eles chegaram aqui.

— Fez um comentário que Corrigan não gostou. Levou uma surra e foi demitido na mesma hora. — Bárbara deu de ombros. — Os Hart têm temperamento forte, mas até hoje sempre julguei Corrigan justo. Que tipo de chefe demite um homem a três semanas do Natal?

— Ebenezer Scrooge? — aventurou-se Abby, seca.

— Buck disse que ele reduziu ao mínimo o salário de outro caubói por ter deixado um portão aberto. — Sacudiu a cabeça. — Engraçado, praticamente não ouvimos nada sobre Corrigan durante anos e, de repente, ele volta à cena como um maluco consumado.

— Percebi — disse Abby.

Bárbara limpou as mãos no pano de prato.

— Não sei o que aconteceu para deixá-lo fora de circulação tantos anos. Os outros irmãos têm sido vistos com mais frequência ultimamente, mas Corrigan não. Achei que tivesse se mudado. Ninguém fala dele. — Examinou Dorie com curiosidade.

— Você é Dorothy Wayne, não é? — perguntou, sorridente. — Achei ter reconhecido você. Lamento pelo seu pai.

— Obrigada — falou Dorie, de forma automática. Percebeu o olhar de Bárbara se dirigir à fina cicatriz em seu rosto e se afastar rápido.

— Vou providenciar o pedido.

Foi para trás do balcão e Abby olhou surpresa para o canto.

— Enfrentando um dia ruim, Buck? — gritou. Ele tomava café.

— Não podia ser pior, sra. Ballenger — respondeu num tom profundo e agradável. — Por acaso Calhoun e Justin estão contratando pessoas para a seção de engorda?

— Contratariam você no ato. Sabe disso — disse Abby. Ela sorriu. — Por que não vai lá e...

— Ai, o diabo! — resmungou Buck, os olhos negros faiscando.

Levantou-se agitado quando uma figura alta e delgada cruzou a porta aberta.

Dorie ficou sem fôlego. O homem alto lhe era familiar, mesmo depois de todos esses anos. Usando jeans apertado, botas confeccionadas à mão, camisa de cambraia e impecável chapéu branco Stetson cobrindo os cabelos negros, estava deslumbrante, apesar, da bengala.

Ele não olhou para a mesa onde Dorie estava sentada, do lado oposto a Buck.

— Você me demitiu — Buck vociferou. — O que pretende? Dar-me outro soco? Dessa vez, vou revidar, mesmo você sendo manco!

Corrigan Hart encarou o homem, os olhos claros como cromo brilhando à luz do sol.

— Aqueles puros-sangues Angus comprados em Montana vão chegar hoje de manhã de caminhão. Você é o único que sabe como usar o programa de computador para o registro do rebanho.

— E você precisa de mim — concordou Buck com um sorriso frio. — Por quanto tempo?

— Duas semanas — respondeu rispidamente. — Você vai trabalhar esse período com aviso prévio. Se ainda estiver interessado em se demitir.

— Que diabos! Pedir demissão? — replicou Buck, atônito. — Você me demitiu!

— Eu não! — retrucou, seco. — Disse para cuidar da sua vida ou se mandar.

Buck girou a cabeça e olhou o homem por um minuto.

— Se eu voltar, é melhor manter os punhos distantes de mim a partir de hoje — retrucou.

O outro homem não piscou.

— Você sabe por que apanhou.

Buck olhou cauteloso em direção a Dorie e as bochechas ficaram vermelhas.

— Você não entendeu o que eu disse — retorquiu.

— Então pense duas vezes antes de fazer tais comentários comigo.

Buck mexeu a cabeça e o patrão entendeu como um assentimento.

— E seu bônus de Natal foi pro espaço! — acrescentou.

Buck bufou zangado, quase retrucou, mas manteve os lábios fechados. Submisso, mas furioso.

— Vá pra casa! — disse o homem mais velho abruptamente.

Buck colocou o chapéu, jogou uma nota na mesa junto à xícara de café e saiu cumprimentando as mulheres com o chapéu, resmungando entre dentes.

Bateu a porta. Corrigan Hart não se mexeu. Ficou parado, imóvel, por um momento, como se recobrando.

Depois se virou e os olhos claros fixaram Dorie. Mas a raiva do olhar transformou-se em choque, fazendo-a piscar.

— O que aconteceu com você? — perguntou sem rodeios.

Sabia a que ele se referia. Colocou uma das mãos no rosto.

— Um acidente — respondeu, firme.

Ele ergueu o rosto. A tensão na lanchonete era tamanha que Abby se mexeu desconfortável na mesa.

– Você não é mais modelo – continuou. A declaração a deixou infeliz.

– Não, claro que não. Apoiou-se pesadamente na bengala.

– Meus pêssames pelo seu pai – disse, seco. Ela meneou a cabeça.

O rosto dele parecia contraído ao encará-la. Apesar da distância, o calor do olhar a aquecia. As mãos, segurando a caneca de chocolate quente, ficaram com os nós dos dedos brancos, tamanha a pressão com que apertava a caneca.

Ele olhou para Abby.

– Como estão as coisas na seção de engorda?

– Como sempre – respondeu, simpática. – Calhoun e Justin ainda estão dispensando pedidos. Tudo correndo bem, no mercado desaquecido de criação nesse outono.

– Concorde. Vendemos o máximo de cabeças possível e estamos ingressando em novas áreas de cruzamento de raças. Concentramo-nos apenas em puros-sangues. Temos esperança de criar uma nova raça.

– Bom para vocês – respondeu Abby. Voltou-se novamente para Dorie. Perscrutou o rosto pálido, denotando a falta de energia.

– Quanto tempo vai ficar por aqui?

A pergunta foi feita de maneira que parecesse um desafio. Deu de ombros.

– Até pôr tudo em ordem, suponho. Tirei duas semanas de folga no escritório de advocacia onde trabalho.

– Como advogada? Sacudiu a cabeça.

– Como estenógrafa. Ele deu uma risada.

– Com sua habilidade para números? – perguntou imediatamente.

Olhou-o intrigada. Não sabia que ele estava ciente de sua aptidão para matemática.

– Que desperdício! – disse ele. – Você seria uma ótima contadora e excelente profissional de marketing.

Pensara nisso com frequência, mas não tinha se dedicado. Especialmente depois da primeira tentativa como modelo.

Ele lhe lançou um olhar observador.

– Clarisse Marston abriu uma loja na cidade. Desenha roupas femininas e as confecciona numa fábrica local. São vendidas em todo o estado.

– Isso mesmo – acrescentou Abby. – Na verdade, está confeccionando um bocado de modelitos para a mulher de Todd Burke, Jane. Ah, você sabe, modelos esportivos para rodeios.

– Soube disso em Nova York – admitiu Dorie.

– O que falta a Clarisse é alguém para ajudá-la na divulgação e na contabilidade. – Inclinou a cabeça. – Fico surpreso por ela ainda não ter engravidado.

Abby começou a falar, mas o olhar de Corrigan a silenciou. Apenas sorriu para Dorie.

– Aqui é sua casa – insistiu Corrigan, baixinho. – Nasceu e cresceu em Jacobsville. Com certeza ter um bom emprego aqui seria preferível a ser estenógrafa em Nova York. A não ser que – concluiu com voz pausada – exista uma razão para desejar permanecer lá.

Os olhos faiscavam. Dorie olhou para o chocolate quente, agora frio.

– Não tenho ninguém em Nova York. – Descruzou as pernas. – Também não tenho mais ninguém aqui.

– Claro que tem – protestou Abby. – Todos os seus amigos.

– Claro, ela deve sentir falta das luzes brilhantes e da agitação – falou Corrigan devagar.

Ela o fitou curiosa. Tentava provocá-la. Por quê?

– Jacobsville ficou muito pequena para você, garota da cidade grande? – insistiu com sorriso debochado.

– Não, não é isso. – Pigarreou.

– Volte para casa – pediu Abby, tentando persuadi-la.

Dorie não respondeu.

– Ainda com medo de mim? – perguntou Corrigan com uma risada cruel quando ela ergueu a cabeça de forma abrupta. – Foi por isso que partiu. É por isso que não vai voltar?

Ficou vermelha de raiva, o primeiro sinal de cor no rosto desde o início da estranha conversa.

– Não tenho medo de você! – balbuciou.

Mas tinha e ele sabia. Os olhos prateados se estreitaram e aquele sorriso irônico, tão familiar, fez com que o lábio fino superior levantasse.

– Prove.

– Talvez a sra. Marston não queira uma contadora.

– Ela quer – retrucou Corrigan. Hesitou.

– Pode não gostar de mim.

– Vai gostar.

Soltou um suspiro exasperado.

– Não posso tomar uma decisão tão importante em segundos. Preciso pensar.

– Pense com calma – respondeu. – Ninguém a está pressionando.

— Seria tão bom ter você de volta — comentou Abby sorrindo. — Não importa quantos amigos tenhamos, sempre podemos contar com mais um.

— Exatamente — disse Corrigan. Franziu os olhos.

— Claro, não precisa me levar em consideração ao tomar a decisão. Não estou tentando trazê-la de volta por interesse pessoal. Mas, se precisa de um incentivo, tenho certeza de que há outros solteiros por aqui que ficariam encantados em dar uma volta com você.

O rosto magro estava duro e fechado, não demonstrava sequer uma gota de emoção.

Abby a espiava, curiosa, mas ela não disse uma palavra, nem mesmo quando os olhos repousaram nos dedos dele sobre a extremidade prateada da bengala e percebeu estarem brancos de tanta pressão.

Ele afrouxou o toque.

— E então?

— Bem que gostaria — disse Dorie, calma. Ele não o olhou. Estranho como a declaração a magoara, depois de todos esses anos. Pensou no passado, lembrando-se de como se sentira desesperada, imaginando como teria sido sua vida se não tivesse resistido na noite em que ele tentara levá-la para a cama.

Não queria um caso, mas ele era um homem honrado, à sua maneira. Talvez tivesse feito uma proposta de casamento, apesar da óbvia repugnância ao estado civil de casado. Talvez não. Podia ter engravidado...

Fez uma careta e levou a xícara de chocolate aos lábios. Estava morno, o gosto ligeiramente ruim.

— Vá visitar Clarisse. Por que não vai? — sugeriu. — Não tem nada a perder e muito a ganhar. Ela é uma mulher agradável. Vai gostar dela.

Ele gostava? Não ousou pensar ou externar a curiosidade.

— Pode ser — respondeu.

O bater da bengala parecia mais alto do que de hábito quando ele virou para a porta.

— Mande lembranças aos irmãos — disse a Abby. Cumprimentou-as e se foi.

Só então Dorie olhou o corpo alto e musculoso enquanto andava com cuidado de volta para a picape grande com cabine dupla.

— O que aconteceu com ele? — perguntou. Abby deu um gole no chocolate quente antes de responder.

— Aconteceu na semana em que você deixou a cidade. Foi numa caçada em Montana com um grupo. Durante uma nevasca no final da primavera, Corrigan e um dos rapazes foram sozinhos, numa picape Scout, para outra área de caça.

— E?

— A picape derrapou num declive e capotou. O homem morreu no ato. Corrigan ficou preso e não conseguiu se soltar. Ficou estirado lá até o dia seguinte quando o grupo saiu para procurá-los e o encontrou. Estava inconsciente. O impacto quebrou-lhe a perna em dois lugares e também teve uma ulceração causada pelo frio. Quase morreu. Dorie prendeu a respiração.

— Que horror!

— Os médicos quiseram amputar-lhe a perna, mas... — arrepiou-se. — Ele não permitiu a cirurgia, então fizeram o melhor que podiam. Consegue usar a perna, mas não pode dobrá-la. Disseram ter sido um milagre não ter perdido nenhum dedo. Ainda teve consciência de se enrolar em um lençol térmico. Isso o salvou da gangrena.

— Pobre homem.

— Ah, não cometa esse erro — brincou. — Ninguém tem permissão de sentir pena de Corrigan Hart. Pergunte aos irmãos dele.

— Apesar de tudo, nunca pareceu o tipo de homem que perde o controle de nada, muito mesmo de uma picape.

— Ele estava fora de si, entretanto também não perdeu o controle.

— Não entendi. Abby fez uma careta.

— Ele e o rapaz que estava na direção tinham bebido. Passou a se sentir culpado não só pelo acidente, mas pela morte do amigo. Sabia que o cara não estava em condições de dirigir, mas não tentou impedi-lo. Dizem que se pune desde então. Por isso, nunca vem à cidade ou tem vida social. Está fechado em si mesmo e ninguém pode trazê-lo de volta. Tornou-se um eremita.

— Mas por quê?

— Por que ele estava bebendo? — perguntou Abby, e Dorie fez que sim com a cabeça. Abby hesitou.

— Conte-me — insistiu.

Os olhos de Abby pareciam pedir desculpas.

— Ninguém sabe na verdade. Comentam que estava tentando superar a dor de ter perdido você.

## CAPÍTULO 2

— Mas ele queria me perder — exclamou, chocada. Saiu rápido de minha casa quando eu recusei... eu o recusei — revelou. Uniu as mãos. — Acusou-me de ser frígida e de ser do tipo que gosta de provocar os homens.

— Corrigan era um mulherengo, Dorie — disse Abby gentil. — Nesses tempos modernos, mesmo em Jacobsville, um monte de garotas é bastante experiente aos 18 anos. Não sabia que seu pai tinha sido pastor, pois ele já se aposentara da igreja quando os Hart vieram assumir o rancho do avô. Na certa ficou surpreso por você ser menos flexível que as outras garotas.

— Surpreso não é bem a palavra — murmurou Dorie infeliz. — Ficou furioso.

— Ele foi ao ponto de ônibus quando você partiu.

— Como você sabe?

— Todo mundo comentou — admitiu. — Todo mundo achou que ele foi lá para tentar impedi-la de viajar.

— Mas não disse nada — respondeu baixinho. — Nem uma palavra.

— Talvez não soubesse o que dizer. Estava provavelmente constrangido e chateado com a forma como a tratara. Um homem desses pode não saber lidar com uma garota inocente.

Dorie riu, amarga.

— Claro que sabe. Fica vendo a garota ir embora e torce para ela não voltar. Ele me disse não ter intenção de se casar.

— Pode ter mudado de idéia. Dorie meneou a cabeça.

— Sem chance. Nunca falou da gente como um casal. Passava todo o tempo me lembrando como eu era jovem, como ele gostava de variedade. Avisou para não levá-lo a sério, mas apenas nos divertirmos enquanto durasse.

— Isso soa bem como um Hart, é verdade — Abby teve que admitir. — São todos como Corrigan. Aparentemente, têm uma atitude de desrespeito em relação às mulheres e as tratam como brinquedinhos.

— Escolheu a garota errada — declarou. Terminou de beber o chocolate quente. — Nunca tinha tido um namorado de verdade quando o conheci. Ele era tão exigente e intransigente, tão pouco carinhoso quando estava comigo! — Parecia se encolher dentro do suéter, buscando proteção.

— Chegou como um míssil. Eu não podia correr, não podia me esconder, ele continuava se aproximando. — Fechou os olhos, exalando um profundo suspiro. — Oh, Abby, ele me fazia morrer de medo. Fui criada de forma conversadora, não poderia ter um caso, e sabia ser tudo o que ele queria. Fugi e continuei fugindo. Agora não posso parar.

— Poderia, se quisesse.

— A única maneira de voltar seria se ele redigisse uma declaração atestando não querer mais nada comigo — disse com um riso frio. — Caso contrário, nunca me sentiria segura aqui.



— Ele acabou de dizer que não tem segundas intenções com você — lembrou-a. — Tem outro interesse.

— Tem? Interesse em outras mulheres? Abby segurou a mesa com os dedos.

— Ele sai com uma divorciada rica quando precisa de companhia. Há muito tempo. Provavelmente estava sendo sincero ao afirmar que não a importunaria. Afinal, já se passaram oito anos. — Estudou a amiga. — Você quer voltar, não quer?

Ao ser pega desprevenida, meneou a cabeça.

— Estou tão só... — confessou. — Tenho cadeados e correntes na minha porta. Vivo como prisioneira, quando não estou no escritório. Raramente saio. Sinto falta de árvores e grama verdinha;

— Mas você tem o Central Park.

— Não se pode plantar flores lá ou ter um cachorro ou um gato num apartamento minúsculo como o meu. Quero sentar na chuva e observar as estrelas à noite. Tenho sonhado em voltar para casa.

— E por que, não voltou?

— Pelo jeito como parti — confessou. — Não queria mais confusão do que já tinha. Já foi horrível ter de esperar pelas visitas de papai porque eu não podia voltar para casa.

— Por causa de Corrigan?

— O quê? — Por um instante, ficou com um ar assustado. Depois, deu a impressão de se acalmar.

— Não, foi por outra razão. Por causa dos primeiros cinco anos. Não podia me arriscar a vir aqui onde era tão fácil encontrar pessoas. — Fechou os olhos ao perceber o que dizia. — Tive um problema em Nova York. É tudo que posso contar. Acabou. Não corro mais perigo. Estou a salvo.

— Não compreendo.

— Não precisa compreender — disse, educada.

— Não ajudaria comentar agora. Mas gostaria de voltar para casa. Tenho a sensação de ter passado a maior parte de minha vida fugindo.

Que frase estranha, pensou, mas não perguntou nada. Simplesmente sorriu.

— Bem, se decidir voltar, vou apresentá-la a Clarisse. Basta me avisar.

Dorie se alegrou.

— Está bem. Deixe-me pensar uns dois dias e entro em contato com você.

— Ótimo. Vou ficar esperando.

Nos dois dias seguintes, não pensou em outra coisa a não ser em voltar para sua cidade. Enquanto pensava, vagou pelo pequeno jardim, olhando as gaiolas dos pássaros e a casinha do esquilo vazias. Viu o poço abandonado, os canteiros de flores cheios de ervas

daninhas. A longa ausência do pai tinha deixado marcas na pequena propriedade. Era preciso uma mão amorosa para restaurá-la.

Ficou imóvel enquanto uma idéia se formava na cabeça. Não precisava vender a propriedade. Poderia mantê-la. Poderia viver aqui. Com seus conhecimentos de matemática e a experiência como contadora na escola de administração, poderia abrir uma pequena firma de contabilidade. Clarisse poderia ser uma cliente. Poderia ter outros. Poderia se sustentar. Poderia deixar Nova York.

A idéia ganhou asas. Estava tão animada que ligou para Abby na manhã seguinte, no horário em que os meninos estavam na escola.

Esboçou a idéia para a amiga.

— Bem, o que acha? — perguntou entusiasmada.

— Acho uma ótima idéia! — exclamou Abby. — E a solução perfeita. Quando vai começar?

— Na semana que vem — respondeu com absoluta certeza. — Vou aproveitar o feriado de Natal para cobrir o aviso prévio. Em poucos dias, empacoto as poucas coisas que possuo. Vou precisar pagar o aluguel, pois assinei um contrato, mas se tudo der certo, como espero, essa despesa não será um problema. Ah, Abby, parece um sonho!

— Agora você está mais parecida com a Dorothy de antigamente. Estou tão contente por você voltar para casa!

— Eu também—respondeu Dorie, tentando não pensar nas complicações que poderiam resultar dessa decisão. Corrigan ainda estava por ali. Mas ele tinha feito uma espécie de promessa e talvez a cumprisse. De qualquer forma, se preocuparia a respeito depois.

Uma semana mais tarde, Dorie tinha se mudado para a casa do pai, com todas as lembranças dele para fazer-lhe companhia. Tinha despachado algumas coisas grandes, como o piano, por um serviço de mudanças. Caixas ainda entulhavam o porão, mas já começava a pôr a casa em ordem.

Precisava de um teto novo, pintura e de um bombeiro para consertar a torneira da banheira com vazamento. Mas essas eram inconveniências menores. Tinha uma pequena reserva na poupança e daria para se virar, se fosse cautelosa, até poder voltar a se manter com a própria empresa.

Mandou fazer cartões e papel personalizado e colocou um anúncio no jornal semanal de Jacobsville. Em seguida, instalou-se e começou a trabalhar no pátio, apesar do tempo frio. Começava a descobrir que o sofrimento tinha que ser digerido aos poucos. Não terminou no funeral. E a casa era uma lembrança constante dos velhos tempos em que ela e o pai eram felizes.

Foi um choque ver Corrigan Hart na porta no primeiro sábado em casa.

Primeiro apenas o fitou, parecendo atordoadada.

Na verdade, estava. Era a última pessoa que esperava encontrar à sua porta.

Ele carregava em uma das mãos um buquê de flores e com a outra se apoiava na bengala e segurava o chapéu. Foi logo dizendo brusco:

— Presente de boas-vindas.

Doris recebeu o bonito buquê e, com certo atraso, perguntou:

— Gostaria de entrar? Posso preparar um café.

Corrigan aceitou o convite, colocando o chapéu no cabideiro junto à porta. Manteve a bengala e ela notou que se apoiava com força ao se aproximar da cadeira mais próxima e se sentar.

— Dizem que o tempo úmido é péssimo para as articulações — comentou Dorie.

Os olhos claros percorreram-lhe o rosto com uma mistura, em medidas iguais, de curiosidade e irritação.

— Têm razão — murmurou lentamente. — Dói ao andar. Se sente bem por eu admitir isso?

— Não estava tentando me vingar — respondeu, calma. — Não falei na lanchonete, mas lamento ter se ferido.

Os olhos dele estavam fixos na cicatriz que lhe cortava de alto a baixo o rosto.

— Também lamento você ter sido ferida — disse com voz rouca. — Você falou em café?

A aspereza que tanto a assustara aos 18 anos voltava a se pronunciar. Apesar de terem se passado oito anos, ele ainda a intimidava.

Foi para a pequena cozinha, visível da sala de estar e encheu a cafeteira com água e uma porção de pó de café. Quando o líquido começou a pingar, preparou uma bandeja com xícaras, pires, açúcar e leite e retornou.

— Você está se mudando? — perguntou, assim que ela se sentou no sofá.

— Estou. É estranho depois de ter passado tantos anos fora. Sinto falta de papai, mas sempre adorei essa casa. No final das contas, será reconfortante viver aqui, assim que a pior fase do luto for superada.

Concordou:

— Perdemos nossos pais numa enchente — disse, sem se estender. — Lembro-me de como nos sentimos.

Examinou o pé-direito alto, as paredes manchadas e a lareira aberta. Fez sinal com a cabeça.

— Esse sistema não é eficiente. Precisa de um aquecedor.

— Preciso de um monte de coisas, mas também preciso comer — disse com um sorriso tímido. Alisou o cabelo curto, ondulado e louro platinado e enroscou-se no sofá, vestindo jeans, suéter cinza e meias. Os sapatos, debaixo do sofá. Mesmo no frio, odiava usar sapatos em casa.

Ele pareceu notar e achou engraçado, a julgar pelo brilho nos olhos claros.

— Odeio sapatos — vociferou Dorie.

— Eu me lembro.

Que surpresa! Ela própria mal se lembrava da garota que fora oito anos atrás. Parecia uma eternidade.

— Você tinha um cachorro, aquele danado e miúdo *Spaniel*; uma vez você estava lá fora dando banho nele quando passei de carro — lembrou-se.

— Ele não gostava de banho e você estava ensopada, descalça, de short e camiseta sem mangas.

— Os olhos escureceram ao fitá-la. — Eu pedi para você entrar, lembra-se?

— Lembro. — A ordem seca a desconcertara, pois ele parecia zangado e não achar graça como agora.

— Nunca disse o motivo — continuou. O rosto tenso quando a olhou. — Você não estava usando nada por baixo da camiseta transparente — concluiu baixinho. — Não tem noção do efeito que me causou. E, além de tudo, o idiota do Bobby Harris estava parado na calçada espiando você.

Bobby a tinha chamado para sair naquele mesmo dia e ela recusara; não simpatizava com ele. Era mais velho e seu pai nunca gostou dele.

— Não percebi — respondeu, surpresa de ter se lembrado de forma tão vivida de como sentira-se magoada. Ficou ruborizada ao pensar que ele a tinha visto daquele jeito logo no início do relacionamento.

— Agora sei disso, oito anos mais tarde — disse ele, abrupto. Inclinou a cabeça, observando-o com curiosidade. Ele percebeu e levantou a cabeça:

— Pensei que estivesse se exibindo de forma despudorada para mim e talvez até mesmo para Bobby — comentou com um sorriso debochado. — Por isso agi daquele jeito na última noite em que saímos.

Ela empalideceu em agonia. — Ah não!

— Ah sim! — exclamou, a voz cheia de amargura. — Achei que estava me julgando um idiota, Dorie. Que estava fingindo inocência por eu ser rico e você estar interessada num anel de casamento e não num relacionamento.

Ficou tão horrorizada que empalideceu.

— É, eu sei — disse quando ela começou a protestar. — Apenas vi o que queria. Mas a culpa foi minha. Quando percebi o enorme erro de julgamento, você já se dirigia ao ônibus

para deixar a cidade. Fui atrás. Mas não consegui dizer o que sentia para tentar impedi-la de partir. Meu orgulho ficou entalado na garganta. Nunca tinha me enganado tanto a respeito de alguém.

Dorie desviou o olhar.

— Isso tudo faz muito tempo. Eu era apenas uma criança.

— Tem razão. Apenas uma criança. E eu a confundi com uma mulher. — Analisou-a com os olhos semicerrados. — Você ainda parece a mesma menina. Como conseguiu essa cicatriz?

Automaticamente, passou os dedos na cicatriz. As memórias a assaltaram, doloridas e vividas. Levantou-se.

— Vou pegar o café.

Ouviu um som rouco às suas costas, mas, aparentemente, não era algo que ele quisesse verbalizar. Escapou para a cozinha, encontrou alguns biscoitos para colocar num pratinho e levou o café para a mesa de centro numa bandeja de prata.

— Muito chique — brincou.

Sabia que ele também tinha coisas chiques em casa.

Nunca visitara o rancho, mas com certeza ouvira falar das relíquias de família exibidas com tanto orgulho pelos quatro irmãos. Prataria antiga espanhola, pertencente à família há cinco gerações, enfeitando a mesinha lateral. Também possuíam cristais e dúzias de outras relíquias de família que, provavelmente, nunca seriam usadas. Comentava-se na cidade que nenhum dos Hart tinha a menor pretensão de se casar.

— Era da minha avó — disse Dorie. — Foi tudo que herdei. Dizem que ela trouxe da Inglaterra.

— A minha veio da Espanha. — Esperou que ela servisse o café. Pegou a xícara, deixando de lado o creme e o açúcar. Tomou um gole; meneou a cabeça; tomou outro gole. — Você faz um café delicioso. Incrível o número de pessoas que não consegue preparar um café saboroso.

— Aposto que faz mal para a saúde. A maioria das coisas faz.

Ele concordou. Colocou a xícara no pires e observou-a por cima da borda.

— Você está planejando ficar aqui em definitivo?

— Acho que sim — balbuciou. — Mandei fazer cartões e papéis de carta personalizados e já recebi duas ofertas de trabalho.

— Vou trazer-lhe um terceiro trabalho: a contabilidade lá do rancho. Temos nos ocupado disso desde que nossa mãe morreu. Em consequência, cada um de nós alega que é a vez do outro, então nada é feito.

— Vai passá-la para mim? — perguntou hesitante.

Observou-a pensativo.

– Por que não? Está com medo de ir até o rancho se ocupar do trabalho?

– Claro que não.

– Claro que não – repetiu, com olhar penetrante. Sentou-se ereto, observando os movimentos pouco à vontade de Dorie. – Oito anos e eu ainda lhe causo medo.

Encolheu-se ainda mais.

– Não seja ridículo! Tenho 26 anos.

– Não aparenta nem se comporta como se tivesse essa idade.

– Prossiga – instigou-o. – Pode exhibir sua grosseria à vontade.

– Obrigado. Vou mesmo.

– Você ainda é virgem.

O café espalhou-se por todo lado. Xingou e foi pegar guardanapos para se secar. Ele parecia achar graça.

– Por que ainda é virgem? – insistiu, provocante. – Estava esperando por mim?

Dorie se levantou derrubando a xícara de café no chão. Ela se partiu com um barulho alto e deu graças a Deus por ser uma xícara velha.

– Seu filho da...!

Ele também se levantou, gargalhando.

– Assim está melhor – brincou, vendo seus olhos faiscarem, o rosto enrubescer.

Chutou os cacos da louça.

– Vá para o inferno, Corrigan Hart!

Ele se moveu para mais perto, olhando os cílios dela agitarem-se. Tentou recuar, mas não conseguiu ir longe. As pernas estavam coladas no sofá. Não havia lugar para correr.

Ele parou a um passo de distância; tão perto que podia sentir o calor do corpo através de sua roupa e da dele. Fitou-a sem falar por longos segundos.

– Você não é mais criança – disse, a voz macia como veludo. – Pode ser você mesma, mesmo comigo. E tudo vai acabar bem. Está em casa. Protegida.

Era como se ele soubesse os problemas que enfrentara. Os olhos estavam calmos e misteriosos, mas sorriu. Estendeu o braço e tocou-lhe os cabelos curtos.

– Você ainda corta o cabelo como um menino – murmurou. – Mas é tão sedoso! Exatamente como eu me lembrava.

Ele estava perto demais, o que a deixava nervosa. Estendeu as mãos, repousando-as na parte da frente da camisa dele, mas, em vez de recuar, ele se aproximou ainda mais. Estremeceu ao sentir o peito dele sob suas mãos, mesmo coberto pela camisa.

– Não quero um amante – disse ela, quase engasgando com as palavras.

– Nem eu. – Então vamos ser amigos. Só isso.

Mordeu o lábio inferior. Ele tinha cheiro de especiarias e couro. Costumava sonhar com ele assim que saiu de casa. Ao longo dos anos, ele assumira a imagem de protetor em sua mente. Estranho, já que a princípio a assustara tanto.

Num impulso, recostou o rosto no peito dele, suspirando, e fechou os olhos.

Ele estremeceu por um instante. Em seguida, as mãos delgadas a apertaram com delicadeza de uma maneira nada ameaçadora. Olhou por cima de sua cabeça com olhar exaltado, feliz por ela não ser capaz de vê-lo.

– Perdemos anos – disse, entre dentes. – Mas o Natal é a época dos milagres. Quem sabe a gente não vivência um?

– Um milagre? – meditou, sorrindo. Sentia-se tão protegida em seus braços! – Que tipo de milagre?

– Não sei – murmurou, acariciando-lhe os cabelos, distraído. – Vamos ter de esperar para ver. Você não está com sono, está?

– Ainda não. – Ela ergueu a cabeça e encarou-o, um pouco intrigada com a sensação de familiaridade que sentia a seu lado. – Não esperada que fosse tão confortável ter você por perto.

– Como assim? Deu de ombros.

– Não estou com medo.

– E por que deveria? Somos pessoas diferentes.

– Acredito que sim.

Corrigan afastou uma mecha de cabelos de sua testa com um gesto confiante.

– Quero que saiba algo – disse baixinho. – O que aconteceu naquela noite... Eu não a teria forçado. As coisas às vezes fogem ao nosso controle e falei algumas coisas, muitas coisas, de que me arrependo. Acho que presumia uma idéia a seu respeito que não correspondia à realidade. Mesmo assim, não a teria machucado.

– Já calculava isso – respondeu. – De toda maneira, obrigada por me dizer.

A mão acariciou-lhe o rosto macio e os olhos metálicos estavam escuros e tristes.

– Senti saudade de você – falou com voz rouca. – Tudo mudou depois que você se foi.

Abaixou os olhos até o pescoço dele.

– A princípio, também não me diverti muito em Nova York.

– Trabalhar como modelo não era tudo que tinha imaginado?

Hesitou. Depois sacudiu a cabeça.



– Eu me saí melhor como estenógrafa.

– E se sairá melhor ainda como especialista financeira, aqui – afirmou. Sorriu, levantando-lhe o queixo. – Vai aceitar o emprego que lhe ofereci?

– Claro – disse de imediato. O olhar percorreu-lhe lentamente o rosto. – Seus irmãos são como você?

– Espere só para ver.

– Isso soa como uma ameaça.

Ele deu uma gargalhada, afastando-se devagar para pegar a bengala na cadeira.

– Pelo menos, não são piores.

– São tão sinceros quanto você?

– Com certeza. – Percebeu-lhe a apreensão. – Veja pelo lado positivo. Pelo menos, vai sempre saber exatamente o que pensamos.

– Isso sem dúvida é uma vantagem.

– Principalmente aqui. Somos um caso sério. Não fazemos amigos com facilidade.

– E também não se casam, lembro bem. O rosto endureceu.

– Tem toda razão de se lembrar do que eu disse. Mas estou oito anos mais velho e bem mais sábio. Não acredito mais em verdades absolutas.

– Quer dizer que deixou de ser um solteirão convicto? – riu nervosa. – Mas dizem por aí que você se diverte com uma mulher divorciada.

– Como ouviu falar a respeito dela? – perguntou, seco.

O olhar desafiador deixou-a constrangida.

– As pessoas comentam – respondeu.

– Bem, "a divorciada alegre" – enfatizou, a expressão tornando-se distante –, é um caso especial. E não somos um casal, apesar do que possa ter ouvido falar. Somos amigos.

Ela virou-se.

– Isso não me diz respeito. Vou cuidar da contabilidade do rancho e obrigada pelo trabalho. Mas não tenho o menor interesse em sua vida particular.

Corrigan não retribuiu o cumprimento. Colocou o chapéu cobrindo o cabelo preto com alguns fios grisalhos nas têmporas e novas rugas no rosto sombrio e fino.

– Lamento o acidente – disse de súbito, vendo-o apoiar-se pesadamente na bengala.

– Vou sobreviver. Minha perna não tem movimento, mas não sou aleijado. Está doendo hoje porque caí do cavalo e preciso da bengala. Em geral, ando muito bem sem ela.

– Lembro da maneira como costumava cavalgar. Achava nunca ter visto nada tão lindo em minha vida quanto você montar um cavalo num galope rápido.

A postura ficou ainda mais rígida.

— Você nunca disse isso antes.

Dorie sorriu.

— Você me intimidava. Tinha medo de você. E não apenas porque você me queria. — Desviou o olhar. — Eu também queria você, mas não fui criada de forma a acreditar num estilo de vida promíscuo. O que — acrescentou, fitando o rosto chocado — era tudo que tinha a me oferecer. Você mesmo falou.

— Deus me perdoe, nunca soube que seu pai era pastor e sua mãe missionária — disse sério.

— Só quando era tarde demais. Achava que todas as jovens concediam favores íntimos naquela idade, sem conseqüências.

— Não seria sem conseqüências para mim — disse com firmeza. — Nunca fui leviana. E ainda não sou.

— Eu sei — murmurou, lançando-lhe um olhar demorado e significativo. — É óbvio.

— E não é da sua conta.

— Não chegaria a tanto. — Cobriu os olhos com o chapéu. — Não mudei por completo, você sabe. Ainda persigo as coisas que quero, mesmo que não seja tão rápido como antes.

— Espero que sim. — E a divorciada sabe disso?

— Sabe sobre o quê? Que sou persistente? Claro que sabe!

— Sorte a dela.

— Ela é uma mulher encantadora, sofisticada e divertida — concluiu, apoiando-se na bengala.

Sentiu o coração apertar.

— Tenho certeza de que gostará da companhia dela.

— Tanto quanto a sua. — A resposta a surpreendeu.

— Obrigado pelo café.

— Não gosta de bolo? — perguntou ao notar que ele não o tinha tocado.

— Não. Não gosto de nada doce.

— É mesmo?

Ele deu de ombros.

— Nunca tivemos em casa. Nossa mãe não era do tipo caseira.

— Como era ela? — teve que perguntar.

— Não sabia cozinhar, odiava trabalho doméstico e sentia desprezo por qualquer mulher capaz de costurar, fazer tricô ou crochê.

Dorie ficou gelada.

— E seu pai?

— Era um bom homem, mas não podia cuidar dos filhos sozinho. — Os olhos ficaram tristes. — Quando ela o deixou, uma parte dele morreu. Depois, ela acabou voltando, sem dinheiro e sozinha, pois o último amante a deixara. Estavam pensando em reconciliação quando a casa em que ela estava morando foi inundada e arrastada pela corrente. — A expressão mudou, ficou mais dura. Apoiou-se com força na bengala. — Simon, Cag e eu já éramos crescidinhos e tomamos conta dos dois menores.

— Não me admira não gostarem de mulheres — murmurou, pesarosa.

Ele a fitou longamente e abaixou o olhar. Ela perdeu o tom de ironia na voz quando ele completou:

— Casamento é algo ultrapassado, de qualquer maneira. Tenho um cachorro, um bom cavalo e uma casa modernamente equipada. Tenho até uma governanta que sabe cozinhar. Uma esposa seria redundante.

— Bem, eu jamais poderia imaginar! — exclamou, sem fôlego.

— Eu sei — respondeu, e de repente havia uma sombra de melancolia nos olhos. — A culpa é minha. Só Deus sabe que fiz o possível para tentar fazê-la entender.

Enquanto absorvia esse comentário, ele tocou no chapéu, virou-se e saiu porta afora. Precipitou-se atrás dele.

— Quando? — gritou. — Você não disse quando quer que eu comece.

— Eu telefono. — Entrou na caminhonete com dificuldade e foi embora sem sequer acenar.

Pelo menos tinha a promessa de um trabalho, disse a si mesma. Não devia ficar tentando ler nas entrelinhas. Mas a confissão sobre a mãe a deixou arrepiada. Como uma mulher podia ter cinco filhos e abandoná-los?

E ainda existia o segredo sobre o quinto irmão, Simon, aquele que nunca ninguém tinha visto. Ficou imaginado se ele teria feito algo imperdoável ou se tinha problemas com a lei. Devia haver uma razão para os irmãos nunca falarem dele. Talvez um dia descobrisse.

### CAPÍTULO 3

Só no dia seguinte se deu conta de não ter agradecido Corrigan pelas flores. Mandou um bilhete para o rancho na segunda e recebeu uma resposta onde se lia simplesmente: "De nada. O prazer foi meu".

Manteve-se ocupada nos dias seguintes. Parecia que todos os amigos do pai e os colegas de escola queriam tê-la em casa. Todos pareciam conhecer um cliente em potencial. Não demorou muito para estar assoberbada de trabalho.

A maior surpresa veio na quinta de manhã quando ouviu passos pesados e levantou a cabeça da escrivaninha deparando-se com três homens enormes! e intimidadores de pé na varanda, atrás da porta de vidro. Tinham vindo na enorme caminhonete de cabine dupla que normalmente Corrigan dirigia e ela se perguntou se seriam os irmãos dele.

Foi abrir a porta e sentiu-se uma anã quando eles entraram com passos pesados na casa, as esporas, tilintando nas botas que pareciam terem saído do pântano.

— Somos os Hart — disse um deles. — Os irmãos de Corrigan.

Como supusera. Examinou-os com curiosidade. Corrigan era alto, mas aqueles homens eram gigantes. Dois tinham cabelos escuros como Corrigan e outro tinha cabelos castanho-claros. Todos tinham olhos escuros, diferentes dele. Nenhum deles faria parte de uma lista de solteiros bonitões. Tinham a aparência rude, eram magros e bronzeados e a afligiram. Os rapazes Hart afligiam a maioria das pessoas. A única outra família que chegava próxima à reputação de temperamento esquentado deles eram os Tremayne, todos agora casados e meio domados. Os Hart eram relativamente novos em Jacobsville, tendo chegado há mais ou menos oito anos.

Mas eram muito reservados e pareciam não ter cortado os laços de San Antônio. Se tivessem alguma vida social - mesmo que pouca - ocorreria lá, pois não se misturavam ao pessoal de Jacobsville.

Não eram apenas bastante rudes na maneira de se expressar, mas tinham os nomes mais esquisitos já ouvidos por Dorie. Eles se apresentaram de supetão.

Reynard era o caçula. Eles o chamavam de Rey. Tinha olhos pretos fundos e lábios finos e, segundo comentários maldosos, era o mais mal-humorado dos quatro.

A seguir, vinha Leopold. Tinha o peito mais largo que os outros três, embora não fosse gordo, e mais alto. Parecia nunca ter se barbeado. Tinha cabelos castanho-claros, com fios dourados e olhos castanhos maldosos, coisa que os outros não tinham.

Callaghan era o primogênito, dois anos mais velho que Corrigan. Tinha olhos negros como uma cobra. Não piscava. Era mais alto que todos os irmãos, à exceção de Leopold, e se ocupava em domar os cavalos no rancho. Parecia espanhol, mais que os outros, e tinha o porte e a arrogância da realeza, como se pertencesse a outro século. Diziam também ter um comportamento antiquado.

Empurrou o mais forte dos três na direção de Dorie.

Ele olhou por cima do ombro, mas tirou o chapéu e forçou um sorriso ao se colocar à sua frente.

— Você deve ser Dorothy Wayne — disse Leopold com um sorriso forçado. — Você trabalha pra gente.

— É, acho que sim — gaguejou. Sentiu-se sufocada. Recuou atrás da mesa e simplesmente os olhou, sentindo-se nervosa e desajeitada.

— Vocês dois podem parar de ficar olhando? — perguntou Leopold aos dois taciturnos irmãos.

— Estão assustando a moça!

Pareceram fazer um esforço para relatar, mas não funcionou muito bem.

— Deixa pra lá — murmurou Leopold. Ele apertou o chapéu na mão. — Gostaríamos que fosse ao rancho. As contas da casa estão uma bagunça. Não podemos esperar Corrigan trazer a papelada para você.

— Ele veio no sábado — disse.

— É, ouvimos falar — sorriu Leo. — Rosas, não foi?

Os outros dois quase sorriram.

— Rosas — confirmou. Os olhos cinza estavam arregalados e iam de um gigante a outro.

— Ele se esqueceu de trazer os livros. O escritório está uma m... mixórdia — continuou Leo. — Não dá para achar nada. Corrigan anota tudo como combinamos, só que não conseguimos entender a letra dele. Ele saiu para uma venda de rebanho em Montana, então estamos de mãos atadas. — Deu de ombros e conseguiu parecer indefeso. — Não dá para ver se temos dinheiro suficiente no banco para pagar o supermercado.

O rapaz parecia faminto. Suspirou alto.

— Pode ter certeza de que íamos ficar satisfeitos se você pudesse ir ao rancho. Que tal amanhã de manhã, por volta das nove? Se não for muito cedo.

— De jeito nenhum. Às seis já estou de pé preparando o café-da-manhã.

— Preparando o café-da-manhã? Então você também sabe cozinhar? — perguntou Leopold.

— Bem, sei. — Dorie hesitou, mas ele parecia realmente interessado. — Faço biscoitos com ovos e bacon.

— Carne de porco — murmurou o que se chamava Reynard.

— Bife é melhor — concordou Callaghan.

— Se ela pode fazer biscoitos, o resto não interessa — retorquiu Reynard.

— Dá para vocês dois calarem a boca? — perguntou Leopold em voz alta. Virou-se para Dorie e a examinou de cima a baixo, mas sem nenhuma conotação sexual. — Você não parece uma contadora.

— Bonito cabelo — comentou Reynard.

— Uma cicatriz feia na cara — comentou Callaghan. — O que aconteceu?

Céus, como ele era rude! Ficou tão desconcertada que quase contou, mas disse ter sido um acidente.

— Não interessa. Se ela pode cozinhar, cicatrizes não têm muita importância.

Dorie ficou boquiaberta e Leopold pisou no pé do irmão mais velho com força.

Callaghan deu-lhe um soco. A mão era do tamanho de um martelo.

— Para com isso!

— Não a insulte, senão ela não vai!

— Não insultei!

Reynard deu um passo à frente, empurrando os outros dois com o cotovelo. Segurava o chapéu na mão. Tentou sorrir. Parecia não ter muita prática.

— Gostaríamos que fosse amanhã. Você vai? Dorie hesitou.

— Olha só o que fizeram! — Leopold repreendeu Callaghan. — Ela está com medo da gente!

— Não vamos machucar você — disse Reynard com gentileza. Ele desistiu de tentar rir; melhor assim, pois o riso não era natural. — A velha sra. Culbertson cuida da casa pra gente. Ela carrega uma vassoura todo o tempo. Você vai estar segura.

Ela conteve o riso, mas os olhos começaram a piscar.

— Ela carrega a vassoura por causa dele — acrescentou Reynard, apontando para Leopold. — Ele gosta de...

— Não interessa! — gritou Leopold, frio.

— Eu só ia dizer que você...

— Cala a boca!

— Se vocês dois não pararem, vou jogar os dois pra fora — disse Callaghan, dando realmente a impressão de estar falando sério. — Peçam desculpas.

Ambos murmuraram pedidos de desculpas relutantes.

— Tudo bem, é isso. — Colocou o chapéu. — Se puder ir às nove, vamos mandar um dos rapazes buscá-la.

— Obrigada, mas prefiro ir no meu carro.

— Já vi seu carro. Por isso, vou mandar um dos rapazes — continuou Callaghan, rabugento.

Voltou a ficar boquiaberta.

— É velho, mas é bonito! E funciona perfeitamente!

— Todo mundo sabe que Turkey Sanders vendeu o carro pra você — disse Callaghan com um olhar de nojo. — Ele é um safado. Você pode se considerar uma garota de sorte se as rodas não caírem na primeira curva que fizer.

— Tem razão — concordou Rey.

— Vamos dar uma parada na cidade a caminho de casa para falar com ele — falou Leopold. — Ele vai pegar seu carro e devolver quando estiver em condições de andar. Vai fazer isso amanhã bem cedinho.

— Mas...

Colocaram os chapéus, fizeram um aceno educado e saíram porta afora, do mesmo jeito que tinham entrado.

Callaghan parou segurando a porta de vidro.

— Podemos falar e nos comportar de maneiras ruins, mas ele está bem machucado, lá dentro onde não se pode ver. Não o machuque de novo.

— Ele?

— Corrigan.

Ela deu só um passo à frente.

— Não é bem assim — disse gentilmente. — Ele não sentia nada por mim.

— E você, não sentia nada por ele? Dorie desviou o olhar para o chão.

— Foi há muito tempo.

— Você não devia ter ido embora.

Ela olhou para cima, os olhos arregalados e feridos.

— Eu tinha medo dele!

Ele deixou escapar um profundo suspiro.

— Você era só uma criança. Tentamos avisar a ele. Embora nunca a tivéssemos visto, já tínhamos ouvido falar de você. Tínhamos certeza de que não era o tipo de garota para se brincar. Ele não quis ouvir. Deu de ombros. — Talvez o tenhamos estragado. Pergunte a ele sobre nossos pais — acrescentou, frio. — Crianças não crescem odiando o casamento sem motivos.

O rosto fino demonstrava uma dor profunda. Ele estava lhe dizendo coisas que nunca ousara perguntar a Corrigan. Deu outro passo à frente, ciente dos outros dois cochichando na varanda.

— Ele ainda é assim?

Os olhos dele eram frios, mas ao fitarem-na pareceram suavizar-se um pouquinho.

— Não é o mesmo homem de antes. Vai precisar descobrir o resto por você mesma. Como regra, não interferimos um na vida dos outros — O olhar pousou no rosto pálido de Dorie. — Você também foi ao inferno e voltou. Era tão perspicaz quanto o irmão. Ela sorriu.

— Suponho que faz parte de tornar-se adulto. Perder as ilusões, sonhos e esperança, quero dizer. — Cruzou as mãos e o fitou quieta. — Crescer é doloroso.



— Não desista — disse, de repente. — Não importa o que ele diga ou faça, não desista.

Os olhos se arregalaram de surpresa.

— Por quê? Ele afundou ainda mais o chapéu.

— Não se fazem mais mulheres como você.

— Como eu? — Dorie franziu a testa. Os olhos escuros cintilaram. Sorriu de um jeito que a teria deixado arrepiada, se não fosse louca por Corrigan.

— Pena eu não ter conhecido você antes — confessou. — Você nunca teria entrado naquele ônibus. — Ele tocou o chapéu num cumprimento. — Vamos mandar Joey buscar você de manhã.

— Mas... A porta se fechou. Ele caminhou na direção dos outros dois que desceram as escadas atrás dele para entrar na caminhonete de quatro portas com uma cabine grande. Era preta e tinha uma aparência ameaçadora — nada diferente dos irmãos de Corrigan Hart!

Ela ficou se perguntando por que teriam vindo todos juntos pedir-lhe que fosse ao rancho, justamente quando Corrigan estava viajando. Imaginou que descobriria cedo ou tarde. Voltou a pensar no quinto irmão, o misterioso irmão mencionado por Corrigan. Nenhum daqueles homens se chamava Simon.

Mais tarde, o telefone tocou: era Turkey Sanders.

— Só queria que soubesse que vou pegar o carro que vendi para você e dar um jeito nele — disse, sem rodeios. — Garanto que vai ser o melhor carro usado que já dirigiu! Se puder, deixe a chave na ignição e mando buscá-lo amanhã bem cedo. E se tiver algo mais que possa fazer por você, senhorita, basta pedir!

Parecia bem mais entusiasmado do que quando vendera o carrinho enferrujado.

— Puxa, obrigada — agradeceu Dorie.

— Não tem de quê. Não tem mesmo. Tenha um ótimo dia.

Desligou e ela ficou olhando o telefone sem ação. Bem, ninguém podia dizer que não era interessante morar em Jacobsville, disse a si mesma. Aparentemente, os irmãos tinham um jeito especial de lidar com outros comerciantes, também. Nunca admitira ter ficado preocupada com o carro, desde o momento em que Turkey a convencera a comprá-lo, pelo que parecia um preço alto por aquele ferro-velho. A carteira de motorista precisava ser renovada. Como nunca tivera um carro em Nova York, ficara superfeliz em ter o próprio carro, mesmo que ele não parecesse capaz de enfrentar uma estrada de terra.

Fazia frio e ventava quando, pela manhã, um jovem educado abriu a porta de uma Mercedes preta para ela.

— Sou Joey — apresentou-se. — Os irmãos me mandaram buscá-la. Estou contente por ter aceitado o trabalho — acrescentou. — Não vão me dar nenhum dinheiro para a gasolina até acertarem as contas. Tenho tirado gasolina dos caminhões corri um tubo. —

Sacudiu a cabeça com tristeza, esperando-a colocar a saia jeans comprida dentro do carro para ele poder fechar a porta. — Odeio gosto de gasolina.

Fechou a porta, pegou o volante e disparou em meio a uma nuvem de poeira.

Ela sorriu. Os irmãos eram pessoas muito estranhas.

O rancho era imaculado, desde as cercas de madeira pintadas de branco até a casa — de tijolinhos elegantes e enorme, com um jardim impecável, piscina e quadra de tênis. A casa dos empregados também era de tijolinhos e o estábulo era tão grande que imaginou ser capaz de abrigar uma tropa inteira de cavalos.

— Grande, hein? — sorriu Joey. — Os irmãos fazem as coisas em grande escala, mas são muito meticulosos, principalmente Cag. Ele é quem cuida do lugar.

— Cag?

— Callaghan. Ninguém na família o chama assim. — Deu uma espiada em sua direção, divertido. — Dizem que você é o motivo de Corrigan nunca ter se casado.

O coração bateu forte.

— Está falando sério?

— Claro. Ele nem olha para as mulheres ultimamente. Mas, quando soube que você ia voltar, fez a barba e comprou roupas novas. — Sacudiu a cabeça. — Todos ficamos chocados ao vê-lo sem barba.

— Não posso imaginá-lo de barba — respondeu, meio confusa.

— Uma pena a perna, mas ele fica elegante num cavalo, do mesmo jeito.

— Acho que ele se vira muito bem.

— Melhor do que antes. — Parou na frente da casa, desligou o motor e saiu para ajudá-la.

— Chegamos.

Ele a conduziu pela porta da frente e atravessaram um corredor atapetado até o escritório forrado em pinho.

— A sra. Culbertson já vai trazer café, chá ou refrigerante;- Os irmãos tiveram de sair para trabalhar, senão estariam aqui para recebê-la. Mas não se preocupe, é a casa de Corrigan. Ele vai chegar daqui a pouco e mostrar os livros. Está tentando domar um potro no estábulo.

— Obrigada Joey.

Ele cumprimentou-a com o chapéu.

— O prazer foi todo meu, madame. — Ele a avaliou com atenção, acenou e saiu.

Mal tinha saído e uma senhora baixinha e gorducha comi olhos azuis cintilantes e cabelo grisalho apareceu, enxugando as mãos no avental.

— Você deve ser a srta. Wayne. Prazer. Sou Betty Culbertson — apresentou-se. — Posso servir-lhe uma xícara de café?

— Aceito. Obrigada.

— Creme? Açúcar?

— Puro.

A senhora sorriu.

— Os meninos também. Eles não gostam de doces. Difícil ficar gordo por aqui, se excluirmos os molhos e biscoitos que comeriam em todas as refeições, se eu os fizesse.

As perguntas feitas pelos irmãos sobre suas habilidades culinárias vieram-lhe assombrar-lhe a mente.

— Nenhum deles acredita em casamento, não? — perguntou.

A sra. Culbertson sacudiu a cabeça.

— São solteiros já faz muito tempo. Organizaram-se da maneira deles e nenhum quer saber de compromisso. Não que as mulheres da cidade não fiquem de olho neles — acrescentou rindo. — Mas ninguém tem muita sorte. Corrigan agora está mais manso. Ouvi dizer que é por sua causa.

Enquanto Dorie ficava ruborizada e tentava encontrar as palavras certas para responder, uma voz profunda respondeu por ela.

— É, é sim — disse Corrigan da porta. — Mas ela não devia saber.

— Ops! — disse a sra. Culbertson dando uma risadinha marota. — Desculpe.

Deu de ombros.

— Não se preocupe. Vou querer café. Ela também. E se a senhora encontrar Leopold... Vou esmagar-lhe o crânio — disse, abruptamente, mudando o comportamento.

Os olhos azuis soltavam faíscas.

— Aquele demônio!

— Suponho o que ele fez de novo. Emitiu um barulho zangado pelo nariz.

— Eu já falei pra ele, já repeti.

— A senhora acha mesmo que ele vai se cansar de fugir das vassouradas? — perguntou Corrigan, em tom de brincadeira.

— Um dia desses, não vai ser rápido o suficiente — disse a sra. Culbertson com um sorriso diabólico.

— Vou falar com ele.

— Todo mundo já falou. Não adianta.

— O que ele faz? — perguntou Dorie, curiosa.

A sra. Culbertson olhou para Corrigan, que tal começar a responder, com olhos que prometiam recompensá-lo com uma boa refeição, caso ele sei calasse.

— Desculpe — respondeu abrupto. — Não posso contar.

A senhora meneou ligeiramente a cabeça e sorriu para Dorie.

— Vou pegar o café. Volto num segundo.

Saiu e os olhos escuros de Corrigan percorreram a figura harmoniosa de Dorie.

— Você está muito bonita — disse. Elevou os olhos até o cabelo ondulado e sorriu admirado. — Sempre adorei seu cabelo. Foi uma novidade para mim. Normalmente gosto de mulheres com cabelos compridos. Esse corte fica perfeito em você.

Ela passou a mão nas ondas platinadas, com ar convencido.

— É mais fácil mantê-los assim. — Mudou de assunto. — Seus irmãos foram à minha casa ontem! e me pediram para vir ao rancho verificar as pontas da casa. Disseram que estão passando fome.

— Com certeza eles estão com a aparência de famintos, não acha? — perguntou, com ar de repugnância. — Deus do céu! Morrendo de fome!

— Foram muito gentis — continuou. — Falaram com Turkey Sanders e ele está consertando meu carro.

— O mecânico dele está consertando o carro. Turkey está no dentista repondo um dente.

— Sabia que não devia perguntar. Mas precisava.

— Por quê?

— Fez um comentário que Cag não gostou.

— Cag. Ah, sim, o mais velho.

Pareceu contente ao ver que ela se lembrava. Ele tem 38 anos, se chama isso de velho. Antecipando-se à próxima pergunta, informou alegre:

— Leo tem 31. Eu 36. Rey 32.

— Então Cag bateu em Turkey Sanders? Ele sacudiu a cabeça negativamente.

— Então, quem quebrou o dente dele?

— Leo.

— Não entendi. Cag ficou com raiva, mas foi Leo quem bateu em Turkey Sanders? — quis saber, fascinada.

— Isso mesmo. Para salvá-lo de Cag.

— Não dá para entender.

— Cag esteve nas Forças Especiais — explicou. — Era capitão quando foi enviado ao Oriente Médio tempos atrás. — Deu de ombros. — Entende muito de lutas para que o

deixem perder o controle. Então, tentamos proteger as pessoas dele. — Deu um risinho. — Leo calculou que se batesse em Turkey primeiro, Cag não o faria. E assim foi. Ela simplesmente balançou a cabeça.

— Seus irmãos são... Únicos — disse, afinal, não tendo encontrado a palavra perfeita para descrevê-los.

Ele soltou uma gargalhada.

— Você não conhece nem a metade da história.

— Eles odeiam mesmo as mulheres?

— Às vezes.

— Aposto que tem um monte de mulher atrás deles, principalmente quando vêm esse rancho.

— O rancho é apenas uma das propriedades que possuímos. Somos a quarta geração no Texas e herdamos milhares de acres de terra e cinco ranchos. Entretanto, estavam à beira da falência quando o velho morreu — comentou, pensativo. — Meu pai não tinha muito tino comercial. Meu avô ficou com o coração partido. Via o fim do seu império. Mas nós conseguimos apagar o incêndio.

— Estou vendo.

— O único problema é que nenhum de nós é casado. Então, se não tivermos descendentes, quem vai manter o império?

Veio-lhe à mente uma resposta terrível e caiu na gargalhada.

Ele franziu a testa.

Dorie tapou a boca até conseguir se controlar.

— Desculpe. Estava pensando naquele filme sobre um homem que fica grávido!

Fitou-a carrancudo. Dorie pigarreou.

— Onde está o material?

Hesitou por um minuto. Em seguida, abriu a gaveta da mesa e retirou uma pilha de livros de contabilidade, colocando-os na imaculada mesa de cerejeira.

— É linda — comentou, alisando a superfície polida e sedosa.

— Era de nosso avô — contou. — Não quisemos mudar muito as coisas por aqui. O velho amava o escritório.

Olhou ao redor, encantada com as paredes lisas forradas de madeira. Não havia cabeças de veado ou armas expostas e externou o que pensava.

— Ele não gostava de troféus. Nem nós. Nas poucas vezes em que caçamos, aproveitamos cada parte do veado, mas não mandamos empalhar a cabeça. Não nos agrada.

Empurrou a cadeira e o encarou com visível curiosidade.

– Seus irmãos não são nada do que imaginei.

– Em que sentido?

Dorie sorriu.

– Você é muito bonito – elogiou e afastou os olhos quando começaram a brilhar. – Eles não. E todos têm olhos escuros. Os seus são cinza, como os meus.

– Eles puxaram à nossa mãe. Eu puxei a ele. – Fez um aceno de cabeça na direção do único retrato pendurado na parede atrás da mesa.

Dava a impressão de ter sido tirada no início do século XX e mostrava um homem muito parecido com Corrigan, à exceção do cabelo branco.

– Então é assim que você vai ficar quando for mais velho – comentou.

– É possível, mas daqui a uns bons anos, espero.

Ele se postara a seu lado.

– Você já está ficando grisalho nas têmporas. Ele abaixou o olhar na direção do rosto suave.

Os olhos estreitaram-se ao percorrer cada milímetro do pescoço para cima.

– O cabelo grisalho não vai aparecer nessa cabeça maravilhosa – disse bem baixinho. – Vai se misturar ao louro e torná-lo ainda mais bonito.

O comentário foi dito de forma meiga e poética e ela ficou embaraçada. Sorriu convencida e o olhar pousou na camisa dele. A gola estava aberta por-, que estava quente dentro de casa. O pêlo abundante e preto aparecia por cima do botão. Foi invadida pelas memórias indesejáveis daquela última noite juntos. Ele tirara a camisa para que suas mãos tivessem livre acesso ao peito largo e cabeludo. Ele gostou dos lábios dela nele...

Dorie limpou a garanta e desviou o olhar, ruborizada.

– Melhor eu começar a trabalhar.

A mão fina segurou-lhe o braço com delicadeza e puxou-a de volta, girando-a. Colocou a mão livre nos botões de pressão. Fitou os olhos arregalados de Dorie e lentamente os desabotoou, um por um.

– O que... você... está fazendo? – gaguejou. Ficou sem fôlego. Ele estava tentando seduzi-la. Os joelhos já estavam trêmulos e a visão daquele peito largo, completamente desnudo, fez com que um suspiro débil lhe escapasse dos lábios.

Corrigan lhe segurava pelos braços. Aproximou-a para que os lábios dela ficassem na altura de seu pescoço. Ela parecia capaz de ouvir os batimentos do coração dele. Na verdade, ouvia mesmo.

– Foi assim – disse em tom rude e provocante. – Mas eu tinha tirado sua blusa e seus seios estavam desnudos. Puxei você para mim assim – sussurrou, inseguro, puxando-o contra ele – e me curvei e me apossei de sua boca aberta... Assim...

Estava acontecendo de novo. Dorie tinha oito anos a mais, mas, aparentemente, nem um dia a menos de vulnerabilidade. Ele colocou-lhe as mãos frias no pêlo do peito e as moveu enquanto a boca rude tomou posse da sua, de forma lenta e meiga. Afastou-lhe os lábios e hesitou por um segundo apenas, tempo suficiente para fitá-la e ver a submissão e o desejo. Havia apenas uma sombra de sorriso em seus lábios antes de abri-los na boca macia de Dorie.

## **CAPÍTULO 4**

Não tinha um pinga de orgulho, pensou nos segundos de agitação que se seguiram ao primeiro toque da boca áspera. Era um fracasso total como mulher liberada.

As mãos desceram-lhe até a cintura e subiram em seguida para as costelas abaixo de seus seios. Acariciaram-na até ela estremecer e gemer e depois subiram ainda mais e se apossaram de seus seios; possessão primitiva.

Sentiu a boca de Dorie se abrir. Correspondeu tocando-lhe os seios, buscando os mamilos que esfregou com as palmas das mãos.

O beijo ficou mais intenso. Ela percebeu as mãos moverem-se por seu corpo, sentiu-se uma presa capturada. A blusa foi aberta às pressas; segundos depois, os seios nus estavam colados ao pêlo escuro que cobria o peito e abdome dele.

Soltou um grito, libertando a boca.

Ele a fitou, mas não a deixou escapar. O rosto duro era sem expressão. Só os olhos eram vivos, brilhando como labaredas. Deliberadamente, moveu-a de um lado para outro e olhou-lhe o rosto enquanto agia assim, divertindo-se, num prazer totalmente masculino, ao constatar o prazer que ela não conseguia esconder.

— Seus mamilos ficam duros como pedra quando se esfregam em mim. — As palavras foram ditas em tom inflamado ao mesmo tempo em que a puxava para mais perto ainda. — Coloquei seus seios em minha boca na noite em que fizemos amor e você se arqueou na cama para oferecê-los. Lembra-se do que fizemos a seguir?

Ela não podia falar. Olhava-o sentindo ao mesmo tempo desejo e medo.

— Você enfiou as mãos dentro do meu jeans — sussurrou com voz rouca. — E me tocou. Foi aí que perdi o controle.

O gemido de Dorie exprimia vergonha e não prazer. Comprimiu o rosto no peito dele, tremendo.

— Desculpe — murmurou com voz entrecortada. — Sinto tanto!

Ele encostou os lábios em seus olhos e os beijou fechando-os.



— Não precisa pedir desculpas. Não estou dizendo isso para deixá-la envergonhada. Só queria que você se lembrasse o motivo de tudo ter terminado daquele jeito. Você era inexperiente e eu não sabia. Encorajei você a ser desinibida, mas nunca o teria feito se soubesse o quanto era inocente.

Beijou-lhe a testa com uma ternura de tirar o fôlego enquanto as mãos deslizavam-lhe pelas costas e a aproximavam dele.

— Eu ia possuir você — sussurrou. As mãos se contraíram e o corpo ficou rígido ao ficar excitado e ela podia sentir o volume pressionando-a. As pernas ficaram trêmulas. — Eu ainda quero, que Deus o permita! — murmurou com a boca colada à sua têmpora. — Nunca fiquei tão excitado com outra pessoa. Nem preciso despi-la para isso. — As mãos dele começaram a tremer quando ele a balançou sensualmente contra seus quadris. A boca cobriu a dela carinhosamente, afastando-se, tocando e experimentando até ela voltar a estremecer de prazer.

— Pensei que você soubesse — choramingou.

— Não sabia. — As mãos dele moveram-se até a base de sua espinha e a puxaram com delicadeza contra o membro enrijecido. Arfou ao ser invadido, de imediato, por uma onda de prazer. — Dorie... — sussurrou sem fôlego.

Ela não conseguia pensar em nada. Quando ele pegou sua mão e a colocou sobre sua masculinidade, não teve forças para protestar. Abriu a mão e deixou que ele a conduzisse, acariciando-o, sentindo-se em brasa, louca de vontade de tocá-lo.

— Oito anos — disse Dorie, abalada.

— E ainda estamos loucos de desejo um pelo outro — murmurou com a boca colada à sua. A mão dele se tornou insistente. — Com mais força — pediu.

— Isso... não é sensato — disse, colada em seu peito.

— Não. Mas é bom. Dorie...! — Solto um grito rouco, o corpo inteiro em convulsão.

A mão dela parou de imediato.

— Sinto muito — murmurou, preocupada. — Machuquei você?

Ele respirava com dificuldade. O rosto, mergulhado em seu pescoço, tremia como uma folha ao vento. Dorie passou de leve os lábios no peito dele, no queixo, lábios, nariz, sussurrando-lhe o nome enquanto agarrava-se a ele.

A mão agarrou-lhe a coxa com tanta força que ela teve medo de reclamar. Tentou manter a sanidade, constrangida diante da própria fraqueza.

Ainda se beijavam. Ele sentiu-lhe os seios roçando em seu peito, intensificando a pulsação que parecia pronta a explodir.

Manteve-a presa com firmeza.

Ela acabou acalmando-se e ficou parada, quietinha, colada ao corpo dele. Sabia hoje, como sabia oito anos atrás, o que estava errado com ele. Sentiu-se culpada e envergonhada por deixá-lo tão fora de controle.

Os dedos de Dorie tocaram o cabelo farto amorosamente. Os lábios encontraram-lhe os cílios e ela os roçou com suavidade. Ele era vulnerável e ela queria protegê-lo, tratá-lo com carinho.

A delicadeza estava agindo de forma estranha nele. Ainda a queria - tanto a ponto de temer enlouquecer -, mas aqueles beijinhos confortantes aqueceram-lhe o coração. Nunca tinha sido tocado daquela forma por uma mulher; nunca se sentira tão amado.

Ela se afastou e ele puxou-a novamente para perto.

— Não pare — implorou, mais calmo. As mãos tinham se movido para as costas acetinadas de Dorie e sorriu ao sentir os lábios encostando contra sua pele.

— Sinto muito — sussurrou Dorie.

Os dedos mergulharam novamente sob a blusa dela e subiram para acariciar a maciez dos seios.

— Por quê? — perguntou.

— Eu estava machucando você — disse Dorie.

— Não devia ter tocado você... Deu uma gargalhada irônica.

— Fui eu quem a forcei a se comportar assim.

— Ainda não posso ir para a cama com você — disse, infeliz. — Pouco me importa se o mundo inteiro se comporta assim, mas eu simplesmente não posso!

Ele espalmou as mãos e segurou-lhe os seios carinhosamente.

— Mas você quer — murmurou enquanto lhe acariciava os seios.

— É claro que quero! — Fechou os olhos e remexeu-se entre as mãos. — Ai, meu Deus! — conseguiu dizer tensa, trêmula.

— Seus seios são muito sensíveis — disse, os lábios colados. — E macios como seda em minhas mãos. Gostaria de deitar você na mesa do meu avô, tirar sua blusa e colocar meus lábios você sabe onde. Mas a sra. Culbertson está preparando o café. — Ergueu a cabeça e fitou aqueles olhos cinza, suaves e atônitos. — Graças a Deus! — exclamou sem parar de acariciá-los.

— Por que está agradecendo a Deus? — perguntou Dorie em tom grave.

— Talvez pelos milagres — respondeu. Arrumou-lhe a blusa e os olhos se concentraram nos seios rosados e deliciosos, nos mamilos escuros e intumescidos. — Podia saborear você como se saboreia um caramelo agora mesmo — confessou, tomado pelo desejo.

O escritório estava tão silencioso que não se ouvia nenhum som além do sibilar de sua respiração ao olhá-lo. Os olhos claros de Corrigan pareciam pedir desculpas:

— Acho que você tem que satisfazer meu último desejo — começou a dizer ao mesmo tempo em que se curvava.

Ela viu a boca cobrir-lhe o seio com uma espécie de encantamento e choque. Os olhos arregalados, a respiração presa na garganta, esperou, tremendo.

Foi então que ele levantou a cabeça e viu-lhe os olhos. Emitiu um som do fundo da garganta e abriu a boca enquanto a puxava para mais perto de um jeito em que a tinha quase completamente naquele recesso quente e úmido.

Dorie gritou. O prazer atingiu o limite do suportável. Enfiou os dedos em seus cabelos e puxou-o para si. Entregou-se às sensações. Os quadris moviam-se involuntariamente, procurando-lhe o corpo.

A sucção se tornou tão doce que ela, de repente, arqueou as costas, e teria caído se ele não a estivesse segurando com o braço. Arfou, entrando em convulsão, o corpo paralisado num arco de puro êxtase.

Ele sentiu as fortes contrações do corpo com um orgulho crescente. Os movimentos da língua se tornaram mais frenéticos e as convulsões se acentuaram.

Só quando a sentiu começando a relaxar, suspendeu a cabeça e a colocou novamente de pé, para que pudesse ver-lhe o rosto.

Ela não conseguia respirar. Soluçou quando encarou os olhos claros. As lágrimas surgiram quentes ao se dar conta do que acontecera. E ele tinha visto!

— Não! — repreendeu-a com suavidade. Pegou um lenço, enxugou os olhos vermelhos e assoou-lhe o nariz. — Não fique constrangida.

— Eu poderia morrer de vergonha — disse, soluçando.

— Por quê? — perguntou carinhoso. — Por deixar-me olhar você?

O rosto de Dorie ficou vermelho.

— Eu nunca, nunca...! Tapou-lhe a boca com o dedo.

— Nunca vi uma mulher assim — sussurrou,

— Nunca conheci uma mulher que pudesse se satisfazer com um homem sugando-lhe o seio. Foi a mais linda experiência de minha vida.

Dorie tinha parado de chorar. Olhava-o fixamente, os olhos arregalados, ao mesmo tempo mansos e curiosos.

Ele puxou para trás o cabelo ondulado de Dorie.

— Valeu a pena o que senti antes — murmurou, seco.

Ela ficou ainda mais ruborizada.

— Não posso ficar aqui — disse, desnorreada.

— Preciso ir embora.

— Droga, não, de jeito nenhum. Você não vai se afastar de mim pela segunda vez. Nem pense em fugir.

— Mas... — contestou.

- Mas o quê? Não pode se entregar a mim sem casamento? Eu sei disso. Não estou pedindo que durma comigo.

— Isso é uma tortura para você. Foi sincero:

— É mesmo. Mas a alternativa é nunca mais tocar você. — Enfiou novamente uma das mãos por baixo da blusa e sorriu afetuoso ao sentir a reação imediata do corpo dela. — Adoro isso. E você também.

Ela ficou emburrada.

— Claro que adoro. Nunca deixei ninguém me tocar desse jeito. A última vez que fui beijada tem oito anos!

— Eu também.

— Ah! Você tem saído com a divorciada! — devolveu-lhe, frustrada e constrangida.

— Não faço sexo com ela.

— Ouvi dizer que ela é muito bonita. Ele sorriu.

— É mesmo. Bonita, elegante e educada. Mas não sinto desejo por ela, nem ela por mim. Já contei que somos amigos. E somos. E é só isso!

— Mas... Mas...

— Mas o quê, Dorie?

— Homens não param de beijar só porque foram rejeitados uma vez.

— Foi bem pior do que ser rejeitado. Eu acabei expulsando-a da cidade. Foi duro viver com essa culpa, principalmente quando seu pai resolveu me dar uma lição e me contou tudo sobre seu passado. Fiquei me sentindo miserável.

Os olhos dele ficaram tristes diante da lembrança dolorosa.

— Odiei tê-lo transformado em meu inimigo. Era um bom homem. Mas nunca tinha me interessado por casamento nem me deixado envolver por ninguém como aconteceu com você. Se você estava com medo, eu também estava.

— Cag disse que seus pais não eram um casal feliz.

Franziu a testa.

— Ele nunca comentou sobre eles. É a primeira vez.

— Mandou-me pedir a você que me contasse sobre eles.

— Entendo. — Suspirou. — Bem, já contei a você um pouquinho e, mais dia menos dia, vamos ter que conversar mais sobre esse e outros assuntos. — Ergueu a cabeça prestando atenção e depois a olhou com uma risadinha irônica.

— Mas, no momento, é melhor abotoar o sutiã, ajeitar a blusa e tentar não demonstrar ter acabado de fazer sexo comigo.

— Por quê?

— Porque a sra. Culbertson está atravessando corredor.

— Ai, droga!

Atrapalhou-se com os botões e fechos, o rosto vermelho, o cabelo desgrenhado na pressa de se arrumar. Corrigan fechou os botões da camisa preguiçosamente, os olhos prateados travessos observando os esforços frenéticos que ela fazia para se tornar apresentável.

— Sorte eu não tê-la deitado na mesa, não acha? — perguntou, soltando uma risada.

Bateram na porta entreaberta e a sra. Culbertson entrou com uma bandeja. Estava tão concentrada em levar intacta a bandeja à mesa que nem olhou para Dorie.

— Aqui está. Peço desculpas por ter demorado tanto, mas não conseguia achar o creme.

— Quem toma café com creme? — perguntou, curioso.

— Foi a única desculpa que encontrei — disse, séria.

Ele parecia desconfortável.

— Obrigado.

A governanta deu um sorriso forçado para ele e depois fitou Dorie. Os olhos brilhavam ao sair. E dessa vez fechou a porta.

O rosto de Dorie ainda continuava enrubescido. Os olhos cinza mantinham-se muito abertos e turbulentos. A boca estava inchada e ela cobriu o peito com os braços demonstrando medo.

Os olhos de Corrigan desceram-lhe até a blusa e voltaram a subir.

— Quando senti que você estava prestes a gritar em êxtase, fiquei excitado e um pouco violento. Machuquei você?

A pergunta era ao mesmo tempo banal e estranhamente carinhosa.

Sacudiu a cabeça, desviando o olhar. Era constrangedor lembrar-se do que havia acontecido.

Ele segurou-a pela mão e a conduziu até as cadeiras dispostas em frente à mesa.

— Sente-se e vou lhe servir uma xícara de café. Fitou-o um pouco sem graça.

— Você acha que tem alguma coisa errada comigo? — perguntou, seriamente preocupada. — Quero dizer, não é natural, é?

Os dedos de Corrigan tocaram-lhe com suavidade o rosto. Abanou a cabeça.

— As pessoas não podem ser rotuladas. Pode ser que seu corpo não corresponda com tanta intensidade ao toque de outro homem. Talvez tenha ficado muito tempo à espera. Talvez esteja em perfeita sintonia comigo. Pode ser que eu consiga tirar-lhe a mesma reação beijando-lhe as coxas ou a barriga.

Dorie ficou corada.

— Você não faria isso!

— Por que não?

O simples pensamento a fez vibrar por inteiro. Tinha conhecimento que os homens beijavam pontos íntimos das mulheres. Mas até então não tinha ainda feito a conexão entre ser tocada e sentir desejo.

— A parte interna das coxas é muito sensível às carícias — disse ele com naturalidade. — Sem mencionar as costas, quadris, pés — acrescentou, com um sorriso gentil. — Fazer amor é uma arte. Não há regras preestabelecidas.

Ele serviu o café numa xícara de cerâmica. Estendeu-a e observou o jeito como os dedos dela deliberadamente tocaram os seus e se afastaram em seguida.

Era tão forte o desejo que mal conseguia ficar em pé, ereto, mas ainda era cedo. Tinha que ir aos poucos dessa vez, sem pressioná-la. Dorie não tinha medo apenas dele, mas também da intimidade. Não podia correr o risco de deixar as coisas irem longe demais.

— Que tipo de assunto vamos discutir depois? — perguntou Dorie, depois de ter bebido quase metade do café.

—: Sobre repolhos e reis — brincou. Sentou-se à sua frente, cruzando as pernas compridas, os olhos possessivos e carinhosos fitando-lhe o rosto.

— Não gosto de repolho e não conheço nenhum rei.

— Então, que tal deitarmos juntos no sofá?

Levantou os olhos e viu o divertimento nos dele. Voltou o olhar para a xícara.

— Não me provoque. Não sou suficientemente experiente para tal.

— Não estou provocando. Suspirou e tomou outro gole de café.

— Não temos futuro. Você sabe disso.

Definitivamente, não sabia. Dorie vivia no passado, convencida de que ele só pretendia ter um caso com ela. Riu para si mesmo ao pensar no futuro. O destino tinha lhe oferecido uma segunda chance: não ia desperdiçá-la.

— Sobre esses livros — disse, num tom profissional. — Fiz um enorme esforço, mas, embora saiba matemática, minha letra não é o que costumava ser. Se não conseguir entender algum número, faça um círculo em volta e eu esclareço. Tenho um encontro com um grande comprador no estábulo daqui a pouco, mas estarei por perto o dia inteiro.

— Está bem.

Corrigan terminou o café e colocou a xícara na bandeja, checando o relógio.

— Melhor eu ir. — Fitou-a com olhos de cobiça e apoiou-se nos braços da cadeira em que ela estava sentada para observá-la. — Vamos sair para dançar amanhã à noite.

O coração dela parecia que ia sair pela boca. Estava se lembrando de como era bom quando os dois estavam juntinhos e ficou ruborizada.

Ele franziu a testa e deu um sorrisinho forçado. — Não fique tão preocupada. Deve se preocupar quando eu abraçá-la e nada acontecer.

— Sempre aconteceu — respondeu.

Concordou:

— Todas as vezes. — Basta tocar em você. — Sorriu com ternura. — E vice-versa — concluiu, com uma olhada maliciosa.

— Eu ainda estava verde — lembrou-o.

— E ainda está — lembrou-a.

— Nem tanto — aventurou-se, encabulada.

— Nós dois aprendemos uma lição hoje — disse ele baixinho. — Dorie, se você pode se satisfazer com uma simples carícia, tente imaginar como se sentirá se formos até o fim.

Os cílios tremeram. A respiração saiu sibilante. Curvou-se e tocou-lhe os lábios com uma carícia.

— Ou é esse exatamente o problema? — perguntou com a boca colada à sua. — Está com medo do momento da penetração?

O coração perdeu o compasso e depois acelerou.

— Corrigan! — exclamou.

Afastou-se um pouquinho para poder encontrar-lhe os olhos. Não estava sorrindo. Não era brincadeira.

— Melhor me dizer — falou baixinho.

Dorie mordeu o lábio inferior com ar preocupado.

— Não vou contar a ninguém - disse ele.

— Eu sei disso. — Dorie respirou fundo. — Quando minha prima Mary se casou, veio nos visitar logo depois da lua-de-mel. Estava tão feliz e excitada! — Fez uma careta. — Contou que doía muito e que sangrou, e que ele debochou dela por ter chorado. Ela falou que ele sequer lhe deu um beijo. Ele simplesmente... penetrou nela!

Ele soltou um palavrão.

— Você nunca conversou com mais ninguém a respeito de sexo?

— Isso não era assunto para discutir com meu pai, e Mary era minha única amiga — contou. — Ela falou que todas essas coisas que escrevem são pura ficção e que a realidade é o



que a mãe uma; vez lhe dissera: as mulheres são forçadas a fazerem sexo pelo prazer de terem filhos.

Curvou-se, apoiado nas mãos, sacudindo a cabeça.

– Gostaria que tivesse me dito isso oito anos atrás.

– Você teria achado graça – respondeu. – Não acreditava que eu fosse inocente mesmo. Olhou-a de frente.

– Desculpe. A vida nos ensina duras lições. Pensou na própria experiência como modelo.

– É verdade.

Ele ergueu-se e a olhou com expressão preocupada.

– Você não assiste a filmes eróticos?

– Aquelas mulheres não são virgens – retrucou.

– Não. Suponho que não. – Franziu os olhos, examinando-lhe o rosto. – E não sei o que lhe dizer. Nunca tinha tocado numa mulher inocente até você aparecer no meu caminho. Talvez doa. Mas prometo que só vai doer uma vez. Tenho experiência suficiente para fazer com que você goste. E vou me esforçar.

– Nada disso vai acontecer – lembrou-o, de forma sintetizada, negando a si mesma os sonhos de casamento e filhos que sempre fantasiara com ele. – Vamos ser amigos.

Corrigan não respondeu. O olhar não vacilou.

– Voltarei a falar com você sobre os livros contábeis – concordou, calmo.

– Está bem.

Eleja se encaminhava para a porta, mas pensou melhor e voltou a se inclinar equilibrando o peso nos braços da cadeira.

– Você se lembra do que aconteceu quando eu comecei a sugar seus seios?

Ela ficou roxa de vergonha.

– Por favor...

– Vai ser assim – disse, equilibrado. – Exatamente assim. Não vai nem pensar na dor. Talvez não sinta dor alguma. Você se entrega totalmente quando toco você. E nem estava me empenhando muito hoje. Pense nisso. Pode ajudar.

Afastou-se e foi até a mesa pegar o chapéu. Colocou-o na cabeça e lhe deu um sorriso sincero.

– Não deixe meus irmãos atropelarem você. Se algum deles lhe causar problema, bata nele com o primeiro objeto pesado que alcançar.

– Eles parecem bem legais.

– Eles gostam de você, mas têm planos.

– Planos?

– Não de machucá-la – tranqüilizou-a. – Nunca deveria ter lhes dito que sabia cozinhar.

– Não entendo.

– A sra. Culbertson pretende pedir demissão. Eles não sabem fazer biscoitos. Essa é a razão da vida deles: um prato cheio de biscoitos amanteigados feitos em casa com meia dúzia de potes de compotas de frutas e geléia.

– E o que eu tenho a ver com isso?

– Não sabe? – Recostou-se na mesa. – Eles acham que devemos nos casar com você.

– Devemos?

– Somos uma família. Dividimos tudo. Exceto mulheres, mas dividimos cozinheiras. – Levantou a cabeça e riu ao ver o rosto chocado de Dorie. – Se eu me casar com você, eles não vão ter que se preocupar em saber de onde vem a próxima fornada de biscoitos.

– Você não quer se casar comigo.

– Bem, eles provavelmente vão dar um jeito nisso explicitamente.

– Não podem forçá-lo a se casar comigo.

– Eu não apostaria um centavo. Você ainda não os conhece.

– Você é irmão deles. Vão querer que seja feliz.

– Eles acham que você vai me fazer feliz. Abaixou os olhos.

– Você devia conversar com eles.

– E dizer o quê? Que não quero você? Acho que não iam acreditar em mim.

– Quero dizer, deveria dizer a eles que não quer se casar.

– Eles já tiveram uma reunião e decidiram que eu quero. Já chamaram um pastor e escolheram um vestido achando que você vai ficar maravilhosa nele. Já fizeram até um esboço do convite de casamento.

– Você perdeu o juízo!

– Não, não perdi não. – Foi até a gaveta do meio da escrivaninha, remexeu e tirou algo do fundo. Ele o analisou, acenou e o estendeu para ela. – Leia isso.

Era um convite de casamento. – Seu nome do meio estava escrito errado. – É Ellen e não Ellis.

Ele pegou uma caneta, tirou-lhe o convite das mãos, fez a alteração e voltou a entregá-lo para ela.

– Por que fez isso? – perguntou, curiosa.

– Ah, eles gostam de tudo correto e perfeito.

— Não corrija! — Rasgue!

— Nesse caso, eles simplesmente prepararão outro. Os convites serão impressos do jeito que está aí. Você não vai querer ver seu nome do meio escrito errado em milhares de convites, vai?

Ela estava absolutamente perplexa.

— Não compreendo.

— Imagino, mas não se preocupe com isso agora. Ainda há muito tempo. De qualquer forma, até agora eles ainda não decidiram a data.

Ela se ergueu com os olhos arregalados.

— Não pode deixar seus irmãos resolvam quando e com quem você vai se casar!

— Bem, nesse caso, por que não tenta impedi-los? — disse com naturalidade. — Mas não diga que não avisei.

Colocou o chapéu e saiu porta afora, assobiando baixinho.

## CAPÍTULO 5

Primeiro, ela examinou a contabilidade. A mente ainda estava nas nuvens ao se lembrar do ardor de Corrigan e precisava estar calma quando fosse falar com os irmãos dele. Decifrou os números escritos em garranchos, organizou os livros, checkou os valores e chegou a uma soma final.

Com certeza não estavam falidos, e havia o suficiente na conta para alimentar o III Exército de Patton. Deixou um bilhete com a informação, divertindo-se com a figura patética que tinham pintado sobre as finanças. Provavelmente, o motivo fazia parte do plano que tinham em mente.

Saiu à procura deles logo após ter terminado os cálculos. Todos os quatro estavam no estábulo, pertinho uns dos outros. Pararam de falar assim que a viram e ela teve certeza de estarem falando sobre ela.

— Eu não vou me casar com ele — disse sem preâmbulos e apontou para Corrigan.

— Está certo — concordou Leo, sem se alterar.

— Essa idéia nunca me passou pela cabeça — comentou Rey.

Cag simplesmente deu de ombros. Corrigan forçou um sorriso.

— Já terminei de examinar os livros — falou, meio sem graça. — Quero ir para casa.

— Mas você não almoçou — disse Rey.

— Ainda são onze horas — observou Dorie.

– Almoçamos cedo porque trabalhamos até escurecer – explicou Cag.

– A sra. Culbertson acabou de sair – disse Rey. Suspirou. – Deixou a carne e uma calda no forno para aquecer. Mas não fez biscoitos.

– Não fez nada para a gente colocar a calda por cima – concordou Leo

– Não podemos trabalhar a tarde toda sem biscoitos – disse Cag, acenando.

Corrigan deu uma gargalhada.

Dorie pensara ter sido invenção de Corrigan aquela história a respeito da mania dos irmãos por biscoitos. Ao que tudo indicava, era a mais pura verdade.

– Só uma panela cheia – implorou Leo. – Não vai demorar nem cinco minutos. – Ele a observou com atenção. – Se é que você sabe mesmo fazer biscoitos. Talvez tenha mentido só para nos impressionar.

– Você tem razão – concordou Rey.

– Eu sei fazer biscoitos – disse, irritada. Mostrem-me onde fica a cozinha e vou provar para vocês.

Leo deu um sorrisinho:

– Por aqui!

Meia hora depois, a tigela estava vazia, como se os biscoitos tivessem evaporado. No momento, Leo e Corrigan disputavam o último, esfarelaram-no na luta enquanto os outros dois irmãos estavam sentados, divertindo-se com a desgraça alheia. Eles pegaram mais do que os outros, pois tinham mãos mais rápidas.

– Da próxima vez, tem de fazer duas fornadas – disse Corrigan. – Uma só não enche nem o buraco do dente de Leo.

– Deu para notar – respondeu, surpreendentemente tocada pela maneira alegre como eles tinham comido os biscoitos feitos por ela. – Vou fazer também uma fornada de pãezinhos da próxima vez.

– Pãezinhos? – Leo parecia prestes a desmaiar. – Você sabe fazer pães caseiros?

– Vou dar uma olhada nas alianças agora mesmo – afirmou Rey, limpando a boca e empurrando a cadeira para sair da mesa.

– Estou com o convite corrigido no bolso – murmurou Cag, também se levantando.

Leo se reuniu aos outros dois na porta.

– Prometeram trazer o vestido de Paris em duas semanas – disse Leo.

Dorie fitou-os boquiaberta, mas, antes que pudesse dizer algo, os três tinham saído porta afora e a fechada, conversando animados.

– Mas eu não disse...! – exclamou Dorie.

– Vamos – disse Corrigan, colocando uma colher de calda na metade de biscoito que lhe restara.

– Não se aflija. Eles se esqueceram de ligar para o pastor e contratar-lhe os serviços.

Nesse exato momento, a porta foi aberta e Leo enfiou a cabeça por ela.

– Você é metodista, batista ou presbiteriana?

– perguntou a ela.

– Sou presbiteriana – respondeu, vacilante. Ele olhou de cara feia.

– O pastor presbiteriano mais perto fica em Vitória – murmurou pensativo –, mas não se preocupe, vou trazê-lo. – Fechou a porta.

– Espere um pouco! – gritou.

As portas da picape fecharam três vezes. O motor foi ligado.

– Tarde demais – disse Corrigan, imperturbável.

– Mas você não ouviu o que ele disse? – explodiu. – Minha nossa, eles vão chamar um pastor!

– Impossível casar na igreja sem um – insistiu. Fez um gesto na direção do prato com um garfo mostrando um resto de bife. – Não desperdice isso. É um de nossos bovinos jovens. Alimentados com milho, sem hormônios, antibióticos ou inseticidas. Nosso negócio é limpo, seguro e preocupado com o meio ambiente.

A atenção de Dorie foi desviada do que a preocupava.

– Sêrio?

– Somos desertores – disse. – O pessoal vibra quando nos vê comparecer às convenções de gado. Normalmente, vamos com Donavan. Ele pensa igual a nós a respeito de gado. Ele e os irmãos Ballenger tratavam o gado alimentando-os com hormônios para se desenvolverem mais rápido. Mas mudou a maneira de pensar ao se casar e o sobrinho ir morar com eles. Mas ele gosta do jeito como tocamos os negócios.

– Acredito que sim. – Saboreou o último pedaço do bife. – É uma delícia mesmo.

– Bestas devorando porcos – comentou, soltando uma risadinha.

Ela caiu na gargalhada.

– Seu irmão Cag tem muito a dizer sobre o assunto.

– Ele só come carne bovina e peixe. Não toca em nada proveniente de porco. Diz que não gosta do sabor. – Inclinou-se para comentar em tom conspiratório: – Mas eu digo que é por causa daquele filme que ele viu. Ele adorava um belo pedaço de presunto.

– Que filme?

– Aquele do porquinho falante.

– Cag foi ver esse filme?

— Ele gosta de desenho animado e filmes sentimentais. — Deu de ombros. — Estranho não é? — Ele é o mais sério de todos nós. — Ninguém é capaz de dizer ao olhá-lo que ele tem um incrível senso de humor ou que é sentimental. Entretanto, ele é como os outros, desprovido daquela beleza convencional. A maioria das mulheres não gosta daquele nariz enorme e daqueles olhos.

— Uma mistura de cobra com coelho — disse ela sem pensar.

Ele gargalhou.

— Exatamente.

— Ele também odeia as mulheres como vocês?

— Difícil dizer, Você precisava vê-lo de smoking num evento social ao qual comparecemos. Mulheres maravilhosas, maravilhosas mesmo, andaram atrás dele a noite toda oferecendo-se a ele.

— E o que ele fez?

— Continuou andando. Dorie descansou o garfo.

— E você faz o quê? Ele sorriu debochado.

— Elas não deixam mais as chaves caírem aos meus pés. Ser manco as afasta.

— Conversa fiada — disse. — Você é o mais bonito dos quatro e não estou só falando da aparência física.

Corrigan inclinou-se para a frente para olhá-la. Os olhos estreitaram-se, pensativos.

— O fato de eu mancar incomoda você?

— Não seja ridículo! — exclamou, levantando o olhar. — Por que me incomodaria?

— Não posso mais dançar muito bem. Ela sorriu.

— Eu nunca saio para dançar.

— Por que não? Tomou um gole de café.

— Não gosto da sensação de ser tocada.

A expressão dos olhos de Corrigan mudou.

— Mas gosta quando eu a toco.

— Você não é um estranho — disse com jeito ingênuo.

— Talvez seja — murmurou baixinho. — O que sabe a meu respeito?

Ela o encarou.

— Bem, você tem 36 anos, é rancheiro, nunca se casou, veio de San Antônio...

— E?

— É tudo que sei — respondeu, devagar.

— Durante várias semanas, antes que deixasse a cidade, éramos um casal. Foi só isso que aprendeu?

— Você sempre foi uma pessoa tão reservada! Nunca falou de sua vida nem de seus irmãos. E nunca conversávamos sério quando estávamos juntos.

— Passávamos mais tempo nos beijando — lembrou-se. — Eu estava mais obcecado em levá-la para a cama do que preocupado em nos conhecermos melhor — disse com desprezo. — Perdi um bocado de tempo.

— Você disse que não devíamos pensar no passado.

— Estou tentando. Mas às vezes é difícil. — Aproximou-se e segurou-lhe as mãos entre as suas. — Gosto de música clássica, mas também aprecio música country e pop. Gosto de um bom jogo de xadrez. Adoro filmes de ficção científica e de caubói antigos, filmes mudos. Acordo cedo, trabalho muito e não sonego o Imposto de Renda. Fui para a universidade estudar veterinária, mas nunca me formei.

Ela sorriu.

— Gosta de fígado frito?

Corrigan fez uma cara horrível.

— Você gosta?

Dorie imitou-lhe a expressão.

— Mas não gosto muito de doces também — disse, lembrando-se de que ele não gostava.

— Ótimo. Ninguém aqui também come essas coisas.

— Eu sei. — Olhou a cozinha espaçosa e confortável. Tinha um fogão elétrico novo e uma geladeira enorme do lado de um freezer do mesmo tamanho. A bancada tinha duas pias de aço, com uma janela por cima de onde se avistava o pasto em que os potros eram mantidos. Ao lado da bancada, uma máquina de lavar pratos. Havia também vários armários na cozinha.

— Gosta? Dorie sorriu.

— É um sonho de cozinha. Aposto que a sra. Culbertson adora trabalhar aqui.

— Você gostaria?

Os olhos encontraram os dele e piscaram, tamanha a intensidade do olhar dele.

— Se pode consegue fazer pão caseiro, deve ser uma cozinheira de mão cheia — continuou.

— Tem uma batedeira ultra-sofisticada no armário e todos os utensílios que um gourmet masculino conhece. Ou feminino.

— É supermoderna.

— Vai ficar totalmente abandonada dentro de três semanas — informou.



– Por que a sra. Culbertson pediu demissão?

– O marido tem câncer e ela quer se aposentar para ficar com ele durante o tempo que lhe resta – disse, abrupto. Brincou com a xícara de café. – São casados há cinquenta anos. – Respirou fundo e os olhos estavam sombrios quando a fitou. – Acreditei por toda minha vida que nenhum casamento poderia durar mais que alguns anos. As pessoas mudam. As situações mudam. O conflito de Jó. – Deu de ombros. – Depois a sra. Culbertson veio trabalhar aqui com o marido e precisei morder a língua. – Abaixou os olhos para a xícara. – Estão sempre de mãos dadas, se ajudando, caminhando juntos bem cedinho e conversando. – Ela sorriu para ele e estava linda. Ele retribuiu o sorriso.

– Ninguém precisa dizer que se amam. É óbvio.

– Meus pais viviam assim – recordou-se.

– Papai e mamãe se amavam desesperadamente. Quando ela morreu, quase perdi meu pai também. Ele só continuou a viver por minha causa. Mas a última coisa que disse em seu leito de morte foi o nome de minha mãe. – Engoliu em seco, lutando contra as lágrimas.

Corrigan levantou-se da mesa de supetão e foi até a janela. Apoiou-se, respirando com dificuldade, como se o que ela dissera o tivesse afetado profundamente. Como, de fato, tinha.

Ela o olhou através da cortina de lágrimas.

– Você não gosta de ouvir falar de casamentos felizes. Por quê?

– Porque eu tive a chance de ter um e a joguei fora – disse num tom baixo e triste.

Quem teria sido a mulher? Nunca ninguém comentara sobre o noivado de um dos irmãos Hart. Mas talvez houvesse alguém a respeito de quem nunca tivessem ouvido falar.

– É você quem vive repetindo não valer a pena viver do passado – comentou, enxugando as lágrimas com o guardanapo.

– Impossível esquecer o passado. Ele é o responsável pelo que somos no presente. – Suspirou alto. – Meus pais tiveram cinco filhos em dez anos. Minha mãe não queria o primeiro. Não teve escolha. Ele tirou-lhe o talão de cheques e tratava de mantê-la sempre grávida. Ela nos odiava na mesma medida que o odiava. Quando partiu, foi quase um alívio. – Ele virou-se e olhou-a pelo aposento. – Nunca fui abraçado com carinho. Aliás, nenhum de nós. Por isso, somos desse jeito; por isso, não gostamos de mulheres por perto. A única coisa que sabemos sobre mulheres é que são traiçoeiras, frias e cruéis.

– Ah, Corrigan! – exclamou, afetuosamente. Ele franziu os olhos.

– O desejo é um sentimento abrasador e incontrollável. Sexo pode ser bastante prazeroso. Mas, se pudesse escolher, preferia ser impotente e ter uma mulher me abraçando e beijando meus olhos do jeito como você fez no meu escritório. – O rosto ficou duro como uma pedra. – Você não tem noção de como me senti.

– Tenho sim – respondeu sorrindo. – Você beijou meus olhos.

– É verdade.

Parecia tão perdido, tão solitário! Levantou-se e se aproximou, parando à frente dele. As mãos pousaram delicadamente no peito largo enquanto o olhava dentro dos olhos.

— Você sabe mais a meu respeito do que eu jamais contei a alguém — disse baixinho.  
— Agora, não acha que está na hora de me contar o que aconteceu com você em Nova York?

Suspirou preocupada. Teria vergonha de contar a ele como tinha sido estúpida. Mas havia um motivo mais importante. A verdade iria magoá-lo. Não saberia explicar de onde vinha essa certeza, mas tinha certeza. Voltaria a se sentir culpado, por ter sido o responsável por sua partida.

— Agora não — falou.

— Você está me escondendo algo. Não vamos ter segredos um com o outro — disse, solene.

— Vai doer — avisou.

— Atualmente quase tudo dói — murmurou, esfregando a coxa.

Ela segurou-lhe a mão e apertou-a com afeto.

— Venha, sente-se.

— Aqui não.

Ele a conduziu à sala de estar. Estava bem aquecida, à meia-luz e silenciosa. Ele a conduziu para sua poltrona, sentou-se e pegou-a no colo, entre os braços.

— Agora me conte — disse quando o rosto recostou-se no peito musculoso.

— Não é uma história bonita.

— Me conte.

Esfregou uma das mãos na camisa dele e fechou os olhos.

— Achei um anúncio no jornal. Era um daqueles anúncios grandes que prometem a lua, o tipo de coisa para atrair uma garota ingênua do interior que pensa poder iniciar a carreira de modelo. Cortei o anúncio e telefonei.

— E?

Dorie fechou a cara.

— Era um golpe, mas não me dei conta logo. O homem parecia muito simpático e tinha um estúdio num bairro sofisticado da cidade. Belinda tinha ido para a Europa passar a semana, pois tinha um contrato com a revista para qual trabalhava e eu não conhecia mais ninguém com quem pudesse me informar. Presumi que era um negócio sério. — Fechou os olhos e se aninhou, sentindo o braço dele apertá-la, como se soubesse que ela buscava conforto.

— Continue — pediu, gentilmente.

— Ele me deu roupas para experimentar e tirou fotos. Estava sentada usando um biquíni e ele me disse para tirá-lo. — Notou que ele parará de respirar. — Eu não podia —

Trincou os dentes. — Eu simplesmente não podia deixar que ele me visse daquele jeito, não importava o quão fantástico fosse o emprego que conseguiria e disse isso. Ele ficou transtornado. Disse que produzia catálogos de nus e que, se eu não aceitasse, entraria com um processo contra mim por não cumprir os termos do contrato que eu tinha assinado.

— Vou não leu o contrato?

— Não, eu não tinha lido — respondeu à pergunta de Corrigan. — O contrato estipulava que eu concordava em posar da maneira estipulada pelo fotógrafo. Eu sabia que não podia enfrentar um processo.

— E? — A voz dele era fria feito gelo. Ela mordeu o lábio inferior.

— Enquanto eu pensava nas alternativas, ele riu e se aproximou de mim. Disse para eu esquecer o f contrato, já que era tão pudica, mas eu teria de pagar o tempo perdido e seria obrigada a fazer sexo 1 com ele.

— Deus do Céu!

Ela passou a mão na camisa dele, tentando acalmá-lo. Lágrimas escorriam.

— Eu lutei com ele, mas não tinha força suficiente. Ele me despiu. Debatia-me no chão e ele começou a me espancar. — A voz ficou entrecortada e ela sentiu Corrigan retesar-se. — Ele tinha um anel de brilhante na mão direita. Foi assim que cortou meu rosto. Sequer senti, só muito tempo depois. Ele me deixou exausta a ponto de eu não conseguir chutar, morder ou gritar. Eu nunca conseguiria escapar. Mas uma das garotas, uma das que não se incomodavam em posar nua, entrou no estúdio. Era amante dele e ficou furiosa ao vê-lo comigo naquele estado. Começou a gritar e a atirar coisas nele. Peguei minhas roupas e fugi.

Ainda tremia ao se confrontar com a lembrança da humilhação, com o medo de que ele iria atrás dela.

— Consegui me vestir e caminhei até o apartamento de Belinda. — Engoliu em seco. — Quando consegui me controlar e falar, chamei a polícia. Ele foi preso e processado por tentativa de estupro. Mas alegou que eu havia assinado um contrato e não estava satisfeita com o dinheiro oferecido e o acusava de tentativa de estupro porque queria desfazer o negócio.

Ele reprimiu um palavrão.

— E o que aconteceu depois?

— Ele venceu — disse num tom desafinado, de derrota. — Tinha amigos influentes. Mas a história saiu nos jornais uns dois ou três dias e ele ficou furioso. O irmão, de um temperamento detestável, começou a me telefonar dizendo coisas obscenas e me ameaçando. Não quis colocar Belinda em perigo e me mudei enquanto ela ainda estava na Europa e nunca contei nada do que acontecera. Consegui um emprego em Nova Jersey, onde trabalhei por dois anos. Depois, Belinda se mudou para Long Island e me chamou para voltar a morar com ela. Recebi uma oferta de trabalho interessante num escritório de advocacia próximo à casa dela. Já era boa datilografa na ocasião e aceitei o emprego.

– E o irmão?

– Não conseguiu me encontrar. Soube depois que ele e o fotógrafo estavam enfrentando problemas com a polícia por estarem envolvidos numa rede de pornografia. Que ironia! Ambos foram para a cadeia logo depois de ter deixado Manhattan. Mas, por muito tempo, tinha medo até de voltar para minha cidade, com receio de alguém estar me vigiando. Temia pelo meu pai.

– Pobre menina. Meu Deus do céu! E depois do que tinha acontecido aqui... – Trincou os dentes ao lembrar-se do que tinha feito com ela.

– Não se culpe – disse, gentil, acariciando-lhe a ruga entre as sobrancelhas grossas. – Nunca o culpei. Nunca!

Corrigan pegou-lhe a mão e levou-a aos lábios.

– Eu quis ir atrás de você, mas seu pai me impediu. Ele disse que você não podia nem ouvir meu nome.

– No início, foi verdade, mas só porque estava muito magoada com o jeito como as coisas tinham se encaminhado. – Olhou o queixo firme. – Mesmo assim, ficaria feliz de ver você.

– Eu não tinha certeza. – Passou os dedos em torno de seus lábios. – Achei que talvez fosse melhor deixar tudo do jeito que estava. Você era muito jovem e minha vida estava atolada em complicações. – Suspirou devagar. – Tem outra coisa que não sabe a meu respeito.

– Pode me contar? Sorriu com suavidade.

– Estamos compartilhando nossos segredos mais íntimos. Suponho que também possa lhe contar. Temos um quinto irmão. O nome dele é Simon.

– Você o mencionou da primeira vez que foi lá em casa, quando levou aquele buquê de flores.

Ele meneou a cabeça.

– Ele mora em San Antônio. Logo depois de sua partida, ele sofreu um acidente e entrou em coma. Nós não podíamos ficar lá e abandonar o rancho. Então, eu fui. Passaram-se várias semanas até eu poder deixá-lo. Quando voltei, você não estava mais morando com Belinda e não consegui convencê-la a me dizer onde você estava. Logo em seguida, seu pai veio atrás de mim furioso e perdi a esperança.

– Você ligou para Belinda?

– Sim.

– Você queria me encontrar? Ele buscou-lhe os olhos.

– Eu queria saber que estava bem, que não a tinha magoado profundamente. Pelo menos isso eu descobri. Não esperava mais que isso.

Ela passou os dedos em suas sobrancelhas, perdida numa súbita intimidade.

— Eu sonhava com você. Mas, toda vez que vinha em minha direção, eu acordava.

Ele acariciou a veia de sua garganta até a base do pescoço.

— Meus sonhos eram um pouco mais eróticos.

— Os olhos ficaram sombrios. — Eu possuía você em lugares e de maneiras que não pode imaginar, cada vez bem mais voluptuosa que a anterior. Eu mal podia esperar chegar a hora de deitar para possuir você de novo.

Ficou ruborizada.

— No início, quer dizer, logo depois que fui embora.

Corrigan percorreu-lhe o pescoço com a mão.

— Por oito anos. Todas as noites.

Ela tentou recuperar o fôlego. Mal conseguia assimilar tudo. Os olhos dele cintilavam.

— Todo esse tempo?

Ele fez que sim. Admirou o colo macio que aparecia onde a blusa estava desabotoada e contraiu o rosto. Os dedos alisaram-lhe o colo, o seio.

— Não toquei em nenhuma mulher desde que você deixou Jacobsville — disse em tom áspero.

— Desde então, deixei de ser um homem.

Os olhos grandes encheram-se de lágrimas. Fazia idéia do que devia representar para um homem como Corrigan não ser capaz de ficar com uma mulher.

— Foi porque brigamos da última vez?

— Foi porque fizemos amor — sussurrou. — Você esqueceu o que fizemos? Desviou o olhar, envergonhada.

— Você continuou virgem — disse baixinho —, mas só tecnicamente. Nós nos possuímos em sua cama — lembrou-a — nus nos braços um do outro. — Fizemos tudo, exceto atravessar a barreira. Seu corpo estava quase todo pronto para mim, meu sexo estava colado ao seu, nos movíamos juntos e você gritou quando a toquei tentando penetrá-la. Conseguiu se desvencilhar, sair debaixo de mim e fugiu.

— Eu estava tão assustada! — sussurrou envergonhada. — Doeu. E eu não parava de pensar no que tinham me dito.

— Não teria continuado a doer — disse, carinhoso. — E não teria sido traumático. Mas você não sabia e eu estava excitado demais para explicar. Perdi o juízo em vez de acalmá-la. E passamos muitos anos separados, sofrendo.

Ela recostou o rosto contra o peito dele e cerrou os olhos.

— Eu evitava me lembrar de termos ido tão longe — disse, através de uma névoa de lágrimas.

— Eu magoei você terrivelmente quando desisti na última hora.

— Nem tanto. Já tínhamos feito amor de outras maneiras que eu não estava assim tão faminto.

— Acariciou-lhe a cabeleira sedosa. — Eu queria uma desculpa para fazer você partir.

— Por quê?

Tocou-lhe os cabelos com os lábios.

— Porque queria engravidá-la — sussurrou, sentindo-lhe o corpo contrair-se ao ouvir a resposta. — E isso me deixou com um medo mortal. Entende? Mulheres modernas não querem bebês, porque são uma armadilha. Minha mãe me ensinou a lição.

## CAPÍTULO 6

— Não é verdade! — Aconchegou-se ainda mais.

— Eu adoraria ter um bebê e nunca me sentiria presa! — disse, a voz cheia de emoção.

— Principalmente um bebê seu — concluiu baixinho. — Não sabia nada de sua infância, quanto mais sobre sua mãe. Você nunca me contou.

O peito dele subiu e desceu abruptamente.

— Eu não podia. — Você me fazia sentir medo. Talvez tenha, inconscientemente, criado um clima insuportável para fazê-la fugir. Mas, quando consegui alcançar meu objetivo, descobri não ser esse meu desejo. Doeu quando você nem me encarou no ponto de ônibus. Devo tê-la deixado tão envergonhada que não podia me olhar. — Deu um suspiro. — Achei que você fosse moderna, que nos divertiríamos juntos, sem conseqüências. Naquela última noite, fiquei chocado. Não conseguia lidar com isso. Perdi a cabeça.

Dorie ergueu a cabeça e fitou-o.

— Você sempre foi honesto. Já tinha me dito não querer saber de casamento, de família e só tinha a me oferecer uma noite em seus braços, sem compromisso. Mas eu não conseguia parar ou parar você, até o último instante. Fui criada acreditando que sexo por sexo era pecado.

O rosto de Corrigan se contorceu. Desviou o olhar para impedi-la de ver como sofria.

— Só soube disso quando já era tarde demais. Por vezes, você não tem noção da importância das coisas até perdê-las.

Afagou-lhe os cabelos enquanto ela ficava parada quietinha, respirando com dificuldade.

— Não foi apenas nossa mãe quem nos fez ter ressentimento contra as mulheres. Simon era casado. Foi o único de nós a se casar. A mulher ficou grávida na primeira vez em que dormiram juntos., mas ela não queria uma criança. Na verdade, não queria Simon; só

queria ser rica. Ele era louco por ela. — Suspirou demonstrando sofrimento. — Ela fez um aborto e ele descobriu, por acaso. Tiveram uma briga ao voltarem de uma das inúmeras festas que ela adorava. Sofreram um acidente: ela morreu e ele perdeu um braço. Por isso ele não mora no rancho. Não pode fazer as coisas que costumava fazer. Tornou-se amargurado e afastou-se de nós.

Ele riu.

— Se acha que nós quatro odiamos mulheres, precisa conhecer Simon.

Ficou emocionada, estremeceu em seus braços.

— Pobre homem. Deve tê-la amado muito.

— Muito. Esse é outro problema em comum entre nós. Amamos irracional e obsessivamente.

— E relutantemente — adivinhou Dorie. Ele riu.

— Também.

Corrigan a soltou com um profundo suspiro e a fitou carinhoso.

— Acho que é melhor levar você para casa. Se ainda estiver aqui quando voltarem, eles vão amarrar seu pé no fogão.

Dorie riu.

— Gosto de seus irmãos. — Hesitou. — Corrigan, é brincadeira essa história de forçá-lo a se casar comigo, não é?

— Claro! Estão só de gozação.

— Quem bom.

Ainda bem que ela não podia ver-lhe os dedos cruzados nas costas, pensou.

Levou-a para casa, dando-lhe um beijo leve em frente à porta.

— Venho buscá-la amanhã à noite. Vamos ao cinema. Todo sábado à noite passam um filme diferente no Roxy.

Ficou sem saber se ele agia assim por vontade própria ou por imposição dos irmãos. Corrigan sorriu.

— Não fique tão preocupada. Você está em casa, o Natal está chegando, tem um emprego e um monte de amigos. Vai ser o melhor Natal de sua vida.

Retribuiu o sorriso.

— Talvez seja — respondeu, contagiada pela animação. — Acariciou-lhe o rosto com o olhar. Agora pareciam amigos, depois de todos os segredos confessados. Mas os beijos a fizeram ansiar por ele. Precisava de tempo para manter as emoções sob controle. Talvez conseguisse até amanhã. Ele tinha dado várias indicações de ainda gostar dela, mas nenhuma vez mencionara a palavra "amor". Quanto a isso, nada mudara.



– Boa noite – disse Corrigan.

– Boa noite. Fechou a porta e acendeu as luzes. Tinha sido um dia estranho e maravilhoso. De certa forma, o futuro parecia promissor, apesar das preocupações.

Na manhã seguinte, Dorie precisava ir à loja de Clarisse ajudá-la com a contabilidade. Foi uma lástima encontrar, ao entrar, uma mulher linda vestida com roupa de grife conversando com a proprietária.

– Vai ser o Natal mais fantástico do mundo! – dizia, balançando os cabelos cor de cobre e rindo. – Corrigan vai me levar à festa de Natal na casa dos Coltrain e depois vamos à Missa do Galo na igreja metodista. – Suspirou. – Estou feliz por ter voltado para casa. Você sabe, andam falando sobre a ligação de Corrigan com uma mulher que fez parte do seu passado e voltou recentemente.

Perguntei se ele tinha intenções sérias em relação a ela. Riu alegremente. – Respondeu estar apenas adoçando-lhe a boca a fim de convencê-la a se encarregar da contabilidade para ele e os irmãos e que ela já fugira uma vez e ele não tinha a menor intenção de perdê-la outra vez. Comentei sentir pena dela e ele respondeu não sentir a menor pena dela e que tinha planos para ela...

Clarisse percebeu a chegada de Dorie e ficou atônita.

– Oi, Dorothy, não esperava você tão cedo.

– Dei uma passada para falar com você – disse Dorie, congelada na entrada. Conseguiu dar um risinho sem graça. – Volto na segunda-feira. Bom fim de semana!

– Quem era? – ouviu a mulher perguntar quando se afastou às pressas e desceu a rua onde estacionara o carro devolvido naquela manhã por Turkey Sanders, devidamente consertado.

Entrou no carro, as articulações dos dedos brancos de tanto apertar o volante. Mal conseguia enxergar através de tantas lágrimas. Ligou o carro com mãos trêmulas e engrenou a primeira. Ouviu alguém chamá-la e viu a raiva parada na calçada, com uma expressão estranha no rosto, tentando atrair a atenção de Dorie.

Não olhou de volta. Deu a partida e saiu a toda velocidade.

Não foi direto para casa. Foi a um pequeno parque e permaneceu sentada, entre as luzes alegres e enfeites, no meio da multidão ali reunida para assistir ao concerto de Natal da banda e do coro da escola do ensino médio. Tinha tanta gente que passaria despercebida e o pranto não seria audível em meio ao barulho de vozes.

As canções natalinas, adoráveis e familiares, acalmaram-na. Entretanto, faltava o espírito de Natal. Como podia ter confiado em Corrigan? Estava se apaixonando de novo e ele estava armando-lhe uma cilada. Nunca mais acreditaria numa palavra que ele dissesse. Nunca mais. E, agora que tinha visto a divorciada maravilhosa, sabia não ter a menor chance com ele. Aquela mulher era sofisticada: desde a pele bem-cuidada até o corpo e o rosto perfeitos. Só ficava surpresa por ele não ter se casado com ela tempos atrás. Com certeza, uma

mulher daquelas não ia ficar sentada esperando, quando podia escolher o homem que lhe aprouvesse.

Alguém lhe ofereceu um copo de sidra quente e ela conseguiu dar um sorriso agradecendo a criança que lhe estendia o copo. Era doce, ideal para espantar o frio. Deu um gole, pensando em como tudo seria horrível dali em diante. Como conseguiria viver em Jacobsville a alguns quilômetros de Corrigan, vendo aquela mulher pendurada no braço dele? Ele não tinha mencionado nada sobre o Natal, mas, aparentemente, tinha planejado tudo, já que ia levar a divorciada a uma festa. Quando ele ia lhe contar a verdade? Ou ia deixá-la descobrir sozinha?

Não se lembrava de ter se sentido tão mal assim em toda a vida. Terminou a sidra, ouviu mais uma música e levantou-se, atravessando a multidão e caminhando pelo longo caminho que a levava ao local onde estacionara. Entrou no carro tentando tomar uma decisão. Não ia voltar para casa. Não suportava a idéia de voltar para casa.

Deu meia-volta e pegou a estrada interestadual em direção a Vitória.

Corrigan andou de um lado para outro na varanda da casa de Dorie por uma hora, até se dar conta de que ela não ia voltar para casa. Foi para a cidade e estacionou na frente da casa de tijolinhos de Tira Beck.

Ela apareceu na varanda, de jeans e blusão, o magnífico cabelo caindo até os ombros. Os braços estavam dobrados e parecia preocupada. Havia ligado nervosa e ele saíra voando para a casa de Dorie, horas antes do horário combinado para irem ao cinema. Ao que tudo indicava, o cinema e tudo mais tinham chegado ao fim.

— E então? — perguntou Tira.

Sacudiu a cabeça com as mãos enfiadas nos bolsos da jaqueta.

— Não estava em casa. Esperei uma hora. Não havia bilhete na porta; nada.

Tira suspirou infeliz.

— Tudo culpa minha. Eu e minha língua que não cabe na boca. Não fazia idéia de quem ela era e não tinha noção de que todo aquele papo era um monte de baboseira que você me contara apenas para não demonstrar o quanto estava envolvido com aquela mulher. — Olhou-o acusadora. — Viu o que acontece quando a gente mente para os amigos?

— Você não precisava ter contado a ela!

— Não sabia que ela estava ali! E tínhamos combinado ir à festa dos Coltrain juntos: eu, você e Charles Percy.

— Você não mencionou estarmos tendo um caso, imagino — comentou irritado.

— Não. Não percebi a chegada dela e achava que só Clarisse estava escutando e ela já sabia de meu envolvimento com Charles.

Ele empurrou o chapéu cobrindo os olhos cansados.

— Meu Deus! As teias que tecemos — disse, aborrecido. — Ela foi embora e não sei onde procurá-la. Pode ter voltado para Nova York, principalmente depois do que aconteceu ontem. Tinha todos os motivos para julgar que eu a estava levando a sério, até hoje de manhã.

Tira apertou os braços em volta do corpo corno para se proteger do olhar frio.

— Já falei que lamento — murmurou. — Tentei pará-la e explicar que ela havia interpretado mal minhas palavras, que eu não estava saindo com você. Mas ela nem me olhou. Não sei se fingiu ou se não me viu. Estava chorando.

Ele soltou uma exclamação alta.

— Ah, Corrigan, desculpe — disse, arrependida.

— Simon sempre diz que você faz tudo da forma mais difícil. Deve conhecer você melhor que os outros.

Encarou-a, curioso.

— Quando você encontrou Simon?

— Na convenção de gado, em San Antônio, na semana passada. Vendi um lote do meu rebanho Montana lá.

— E ele falou com você?

Tira deu um sorriso melancólico.

— Sempre fala comigo. Não o trato como um inválido. Ele se sente à vontade comigo.

Ele lhe deu um olhar penetrante.

— Não o faria se soubesse de seus sentimentos por ele.

Ela franziu os olhos, zangada.

— Não vou dizer a ele. Nem você! Se ele só me quer como amiga, posso viver com isso. Não estou catando um novo marido. Um é o suficiente — concluiu de forma enfática.

— Simon sempre defendeu você — lembrou-se.

— Mesmo antes de você casar.

— Ele me empurrou para John — fez questão de dizer.

— Simon já era casado quando conheceu você.

A expressão dela fechou-se. Não disse uma palavra. Nem precisava: estava escrito em sua testa. Ela odiava a mulher de Simon e a recíproca era verdadeira. Simon também odiava o marido dela. Mas, apesar de toda a turbulência entre Tira e Simon, nunca houve infidelidade enquanto os dois eram casados. Mas não conseguiam superar a péssima experiência dos respectivos casamentos para se olharem de maneira romântica. Tira amava Simon, embora ninguém, à exceção de Corrigan, soubesse. Mas Simon era um homem cheio de segredos. Ninguém tinha acesso a eles, nem mesmo os irmãos. Vivia ensimesmado em San Antônio. Por vezes, ensimesmado demais.

Tira o olhava determinada.

– Por que não dá queixa de desaparecimento?

– sugeriu de repente.

– Tenho que esperar 24 horas. A essa altura, ela pode estar no Alasca – murmurou entre dentes.

– Eu podia contratar um detetive para procurá-la. Ela lançou-lhe um olhar pensativo e os olhos brilharam.

– Tenho uma idéia melhor. Por que não conta a seus irmãos que ela sumiu?

Ele franziu as sobrancelhas e a esperança ressurgiu.

– Essa é uma sugestão engenhosa – concordou sacudindo a cabeça e começou a rir.

– Eles já estavam sonhando com biscoitos feitos em casa toda manhã. Vão ficar arrasados!

E ficaram. Incrível a expressão deles quando mencionou que a adorável fazedora de biscoitos tinha desaparecido.

– Culpa sua – disse Rey, furioso. – Você devia tê-la pedido em casamento.

– Achei que vocês tivessem se encarregado disso – respondeu Corrigan de modo lógico. – As alianças, o pastor, o vestido de noiva, os convites.

– Tudo exceto a parte mais importante – lembrou Cag com frieza.

– Ah! Entendi! Esquecemos de contar a Dorie que ele a amava? – perguntou Leo. – Deus do Céu, esquecemos. – Não é de estranhar que ela tenha partido! – Encarou o irmão. – Você poderia ter dito você mesmo se não ficasse ruminando o orgulho ferido. - E, por falar em orgulho, por que não contou a Tira a verdade em vez de ficar no alto do muro inventando um monte de mentiras?

– Porque Tira fala demais e não queria que a cidade inteira soubesse da minha dor por não ser correspondido – enfureceu-se. – Ela não quer se casar comigo. – Ela afirmou. – Um homem tem que ter um mínimo de orgulho!

– Orgulho e aquela qualidade de biscoitos não combinam – decretou Rey. – Precisamos fazê-la voltar. Tudo bem, rapazes, quem conhecemos na patrulha rodoviária? Tive uma idéia melhor: não conhecemos nenhum *Texas Ranger*? Aqueles caras podem achar qualquer pessoa! Vamos dar nosso jeito...

Observando-os em ação, Corrigan sentiu alívio quanto a ele e teve um pouco de pena de Dorie. Ela não tinha chance de escapar.

Não teve mesmo. Um homem alto e bonito de cabelos pretos, usando um chapéu branco Stetson e um distintivo de *Texas Ranger* no uniforme bateu na porta do hotel em que se hospedara em Vitória. Quando abriu a porta, ele cumprimentou-a tocando no chapéu educadamente, sorriu e lhe colocou algemas.

Já estavam a meio caminho de Jacobsville, a maleta e a bolsa arrumadas às pressas, antes de ter condições de protestar.

– Mas por que fui presa?

– Por quê? – pensou um minuto e ela o viu sorrir pelo espelho retrovisor. – Ah, lembrei. Roubo de gado. – Ele meneou a cabeça. – Isso mesmo. Roubo de gado. – Olhou-a pelo espelho retrovisor. – Está vendo? Roubo de gado é um crime interestadual. Por isso, tenho autoridade para prendê-la.

– Mas roubei o gado de quem? – perguntou, impertinente.

– Os irmãos Hart deram queixa.

– Hart... Corrigan Hart? – bufou furiosa. – Não. Não foi Corrigan. Foram eles! Eles e seus malditos biscoitos! Essa acusação é uma armação! – exclamou. – Eles me acusaram falsamente para conseguirem me levar de volta à cozinha do rancho!

O homem não pôde conter o riso ao ouvir a frase. A mania de biscoitos dos irmãos Hart era conhecida por todo lado.

– Não, madame, posso garantir não ser esse o motivo. – Os olhos pretos cintilantes faiscavam no rosto fino e bronzeado. O cabelo também era preto, liso e abundante sob o chapéu branco de abas largas. – Os irmãos me mostraram onde ele estava:

– Ele?

– O touro roubado pela senhora. O estábulo onde ele ficava está vazio mesmo.

Arregalou os olhos.

– Vocês procuraram no rancho?

– Claro, madame – assegurou com um largo sorriso. – Eu mesmo procurei. Mas o estábulo estava vazio. Garantiram que ele estaria ali se não tivesse sido roubado. Era um touro de um milhão de dólares, madame. – Sacudiu a cabeça. – Podiam dar um tiro na senhora por causa disso. Estamos no Texas, a senhora sabe. Roubo de gado é considerado crime grave.

– Como eu poderia roubar um touro? Faz idéia de quanto pesa um touro? – Estava histérica. Tentou se acalmar. – Tudo bem. Se eu peguei esse touro, onde está ele?

– Provavelmente, escondido no seu quarto, madame. Planejo ligar para o hotel, quando chegar ao rancho dos Hart, e pedir ao gerente para procurar o touro – concluiu. – Não se preocupe. Se ele não encontrar o touro em seu quarto, vou arquivar a queixa.

– Arquivar a queixa que nada! – explodiu e, ao resfolegar, levantou uma mecha do cabelo platinado. – Vou processar o Estado por prisão indevida!

Soltou uma gargalhada ao vê-la tão enfurecida.

– Desculpe. A senhora não pode. Eu tenho provas.

– Que provas?

Olhou-a pelo retrovisor com um risinho malicioso.

– A senhora almoçou um hambúrguer, não foi madame?

Ela estava literalmente boquiaberta. O homem era um lunático. Devia ser amigo dos irmãos; essa era a única explicação plausível. Desistiu de discutir. Não adiantava. Mas aqueles quatro homens feios iam se ver com ela quando voltasse a Jacobsville.

O *Texas Ranger* estacionou na frente da casa do rancho dos Hart e os quatro irmãos saíram em disparada da sala de estar. Todos estavam sorrindo, exceto Corrigan.

— Obrigado, Colton — agradeceu Leo, apertando a mão do patrulheiro. — Não sei o que faríamos sem você.

O homem chamado Colton saiu do carro e abriu a porta de trás para soltar Dorie que, de tão furiosa, chegava a espumar. Encarou os irmãos com um olhar que não deixava margem a dúvidas sobre o que faria. O patrulheiro retirou as algemas e entregou-lhe a bolsa.

— Encontramos o touro — disse Cag. — Estava perdido logo atrás do estábulo. Lamento termos dado tanto trabalho. Vamos pedir desculpas pessoalmente à srta. Wayne aqui presente.

Colton encarou a furiosa ex-prisioneira com os lábios cerrados.

— Boa sorte — disse a todos.

Dorie não sabia por onde começar. Olhou Colton e se perguntou quantos anos de cadeia pegaria por dar um pontapé no queixo de um *Texas Ranger*.

Lendo a intenção em seus olhos, ele deu uma risada e entrou no carro.

— Diga a Simon que mandei um abraço — gritou. — Sinto saudades de vê-lo no gabinete do governador, agora que abriu mão do cargo público.

— Pode deixar que digo — prometeu Cag.

Mal prestaram atenção quando o patrulheiro se afastou, abanando a mão, deixando Dorie sozinha com os homens.

— Bom voltar a vê-la, srta. Wayne — disse Cag, tocando no chapéu. — Com licença. Tenho vacas para alimentar.

— E cercas para consertar — continuou Leo, sorrindo e seguindo o exemplo de Cag.

— Certo. Eu também. — Rey tocou o chapéu cumprimentando-a e seguiu os irmãos.

O que deixava Corrigan sozinho para enfrentar a mulher furiosa, que parecia possuída pelo diabo. Ela cruzou os braços e o encarou.

— Foi idéia deles — disse, formal.

— Presa por roubo de gado. Eu! Ele... aquele homem... o patrulheiro tentou dar a entender que eu tinha escondido um touro no quarto do hotel, pelo amor de Deus! Ele me algemou! — Estendeu os pulsos para que ele visse.

— Provavelmente, achou que seria mais seguro — comentou, observando o rosto furioso e vermelho.

— Quero ir para casa! Nesse exato momento!

Corrigan percebeu ser inútil tentar conversar com ela ali. Fez apenas uma tentativa.

— Tira pediu desculpas — disse baixinho. — Ela queria dizer a você que vai à festa dos Coltrain com Charles Percy. Eu só ia com eles no meu carro, só isso. Planejava levar você comigo.

— Ouvi tudo sobre seus planos.

Era duro se defrontar com a dor em seus olhos. Ele desviou o olhar.

— Você disse várias vezes não querer saber de mim — disse, rápido e grosseiro. — Não queria que os outros pensassem que eu estava louco de amor por você.

— Isso não é mais uma das mentiras para eu cuidar dos seus livros contábeis? — perguntou com raiva.

O olhar dele encontrou o seu.

— Vou pedir a Joey para levá-la para casa. — Virou-se e afastou-se, puxando de uma perna. Ela o seguiu com lágrimas nos olhos. Era demais para um único final de semana.

Joey levou-a para casa e ela se manteve longe do rancho. Corrigan voltara a se encarregar das contas porque ela se recusara a fazê-lo. Era tão orgulhosa quanto ele. Pareciam estar num beco sem saída.

— Temos que fazer alguma coisa — disse Cag, na véspera de Natal. Corrigan estava sentado sozinho no escritório com a luz apagada. — Essa situação está acabando com ele. Ele nem falou em ir à festa dos Coltrain.

— Não vai me fazer a menor falta — respondeu Leo. — Eles têm cinco composições de trens elétricos nos trilhos mais impressionantes do Texas.

— Seu irmão é mais importante que trens — disse Rey, azedo. — O que vamos fazer?

Os olhos escuros de Cag começaram a brilhar. — Acho que devíamos trazer para ele um presente de Natal.

— Que tipo de presente? — perguntou Rey.

— Uma fazedora de biscoitos — disse Cag. Leo deu uma risada.

— Vou já pegar a fôrma.

— E eu o caminhão! — exclamou Rey, saindo correndo pela porta da frente.

— Psiu! — fez Cag. — Ele não pode saber o que estamos tramando. Já cometemos um erro monumental.

Todos concordaram e começaram a andar em passos lentos e furtivos.

Corrigan tomava um copo de uísque. Ouviu o caminhão partir e voltar uma hora mais tarde, mas não tinha o menor interesse nas atividades dos irmãos. Provavelmente foram à festa de Natal no rancho dos Coltrain.

Continuava sentado no escuro quando ouviu o som de vozes abafadas e uma porta ser fechada.



Levantou-se e foi até o *hall*. Os irmãos pareciam afobados, corados e um tanto ou quanto confusos. Fitaram-no com olhos arregalados. Leo respirava com dificuldade, encostado na porta da sala de estar.

– O que vocês três estão aprontando agora? – perguntou.

– Deixamos seu presente lá dentro – disse Leo indicando a sala de estar. – Vamos deixá-lo abrir antes da hora.

– É bem bonito – confidenciou Cag.

– E muito útil – concordou Leo.

Rey ouviu o som das vozes abafadas aumentando de volume.

– Melhor deixá-lo entrar. Não quero ter que amarrá-la de novo.

– Amarrá-la? – Corrigan levantou a cabeça.

– Que diabos vocês colocaram lá dentro? Espero que não seja outra cascavel!

– Não é tão perigoso – tranqüilizou-o Cag. Franziu o rosto. – Bem, nem tanto. – Deu um passo à frente, deu um safanão em Leo e abriu a porta, empurrando Corrigan para dentro.

– Feliz Natal! – desejou e fechou a porta.

Corrigan percebeu, de imediato, duas coisas: a porta trancada e um embrulho amarrado com uma fita em cima de uma cadeira sacudindo.

Atrás da porta, vozes abafadas.

– Meu Deus! – exclamou apreensivo.

Soltou o laço de fita vermelho apertado e do saco saiu uma enfurecida, alucinada, Dorothy Wayne.

– Vou matá-los! – berrou.

Ouviram passos de botas pesadas correndo para procurar abrigo no *hall*.

Corrigan começou a rir e não conseguia parar.

– Com toda sinceridade, seus bem-intencionados irmãos iam acabar sendo sua ruína.

– Eu os odeio, odeio esse rancho, odeio Jacobsville, odeio você... Hummmm!

Ele interrompeu as declarações enfurecidas com a boca. Incrível como ficou logo calma quando os braços dele envolveram-na, levantando-a da cadeira e acomodando-a no sofá de couro.

Dorie não conseguia respirar. A boca de Corrigan estava aberta e faminta em seus lábios e o corpo dele era tão duro quanto o dela estava mole quando se moveu sem cessar contra o seu.

Sentiu as mãos nos quadris e um minuto depois ele estava deitado entre suas coxas movendo-se num ritmo suave e extremamente excitante, o que a fez gemer.

— Eu amo você — sussurrou, antes que ela pudesse pronunciar uma palavra.

E ela não queria dizer nenhuma palavra.

As mãos estavam dentro de sua blusa e ele tentava tirar-lhe a saia quando ouviram a chave girando na fechadura. A porta foi aberta e três pares de olhos chocados e encantados espiaram os dois.

— Seus monstros! — berrou reunindo forças. Encontrava-se em tamanho estado de confusão que não podia dizer mais nada. A posição em que se encontravam era tão óbvia que não fazia sentido fingir estarem apenas conversando.

— Isso não é jeito de falar com os cunhados — declarou Leo. — Por falar nisso, o casamento será no próximo sábado. — Riu pedindo desculpas. — Não conseguimos convencer a orquestra sinfônica de San Antônio porque eles já tinham compromisso agendado, mas o governador virá para entrar na igreja com você. Ele vai chegar um pouco antes da cerimônia. — Abanou a mão com um sorrisinho. — Vão em frente, não se preocupem conosco.

Corrigan pegou uma almofada e atirou-a com toda força. Fecharam a porta. Do lado de fora, as risadas eram audíveis.

Dorie olhou os olhos cinza-prata de Corrigan demonstrando dúvida.

— Eles disseram que o governador vai entrar na igreja comigo? Nosso governador? O governador do Texas?

— O próprio.

— Mas como?

— O governador é nosso amigo. Simon trabalhou com ele até o acidente, quando então se aposentou do serviço público. Você nunca lê os jornais?

— Acho que não.

— Não interessa. Esqueça todos os detalhes. — Procurou-lhe a boca. — Agora, onde estávamos?

O casamento foi o evento social do ano. O governador entrou com ela na igreja, junto com os quatro irmãos, incluindo o alto e bem-apeado Simon, que usava um braço artificial para a ocasião. Dorie estava muito sofisticada num vestido de noiva vindo de Paris, desenhado por um famoso estilista. Os jornais mandaram repórteres. O mundo inteiro parecia estar do lado de fora da pequena igreja presbiteriana em Vitória.

— Não posso acreditar — sussurrou para Corrigan, quando entravam no carro. A lua-de-mel seria na Jamaica. — Corrigan, aquele ali parado, ao lado do governador e de Simon, é o vice-presidente!

— Bem, eles querem que Simon assuma um cargo no gabinete. Ele não quer deixar o Texas, mas está sendo pressionado.

Ela simplesmente abanou a cabeça. A família Hart era demais!

Naquela noite, deitada nos braços do marido com o som do oceano batendo do lado de fora da janela, olhou para ele desconfiada quando fizeram amor de um jeito carinhoso e suave, no quarto à meia-luz.

O corpo dele movia-se como a maré e sorriu olhando a expressão de seus olhos excitados e brilhantes como os dele quando ela hesitou por um segundo e, em seguida, aceitou-o por completo com um gemido de prazer.

— E você estava com medo que fosse doer — repreendeu-a, movendo-se cuidadosamente.

— Sim. — Ela tentava respirar, agarrando-se a ele, levantando-o ao descrever arcos involuntários com o corpo. — Está me levando à morte...!

— Já? — recriminou-a, curvando-se para roçar os lábios na boca inchada. — Querida, nós mal começamos!

— Mal começamos? Ai!

Ele começou a rir. Dorie foi inundada por ondas e mais ondas de êxtase que lhe fizeram emitir sons inacreditáveis. Foi como morresse dúzias de vezes, quase perdeu a consciência e ele continuava a rir, um som gutural saindo de sua garganta enquanto ia de um lado a outro da cama com ela, rolando num glorioso abandono que parecia não ter fim. Acabaram no tapete, enroscados no lençol, quando ela gritou, soluçando, uma última vez e ouviu o gemido dele quando ele finalmente atingiu o clímax.

Estavam ambos ensopados de suor. O cabelo de Dorie estava molhado. Embalada em tremores, não conseguia parar. A seu lado, Corrigan, deitado de costas com uma perna dobrada no joelho. Incrível! Ele ainda estava tão excitado como quando tinham começado. Ela sentou-se cuidadosamente e fitou-o, aterrada.

Ele riu.

— Venha aqui — desafiou-a.

— Não posso! — Estava ofegante. — E você não pode... não pode!

— Se você não estivesse tão esgotada, pode ter certeza que eu poderia. Guardei-me por oito anos e ainda estou louco de desejo por você.

Ela olhou-o fascinada.

— Li um livro...

— Não estou no livro, posso garantir. — Colocou-a em cima dele e acariciou-lhe os seios com os lábios. — Acho que você deve estar doída.

Ela ficou corada.

— Você acha? Deu uma risada.

— Está bem. Venha aqui, minha nova melhor amiga, e vamos dormir já que não podemos fazer nada mais.

— Estamos no chão — observou Dorie.

— Pelo menos não vamos cair da cama da próxima vez.

Ela riu do comportamento escandaloso. Nunca imaginara que a intimidade podia ser, ao mesmo tempo, divertida e agradável. Passou o dedo em seu nariz e curvou-se para beijar-lhe os lábios.

— Onde vamos morar?

— No rancho.

— Só se seus irmãos morarem no estábulo — respondeu. — Não vou suportar tê-los atrás da porta toda noite ouvindo o que estamos fazendo.

— Eles não vão precisar ficar atrás da porta. Pelo que comprovei, poderiam ouvir você com as janelas fechadas mesmo que ficassem na praça da cidade. Ai!

— Que isso lhe sirva de lição — disse fria, vendo-o esfregar a coxa onde ela o beliscara. — Homens nus são vulneráveis.

— E vocês não são?

— Preste atenção, Corrigan...

Dorie resmungou, eles riram e voltaram a se enrascar e a risada deu lugar a uma conversa afetuosa. Acabaram dormindo.

Quando voltaram para o rancho, os três irmãos tinham partido e havia um bilhete rabiscado às pressas na porta: "Vamos dormir no alojamento dos empregados até podermos construir uma casa para nós. Parabéns. O champanhe está na geladeira." — O bilhete terminava com um "com amor" e estava assinado pelos três. O nome do quarto irmão estava escrito a lápis em letra de imprensa.

— Pensando melhor — disse ela, passando o braço na cintura do marido —, talvez esses rapazes não sejam assim tão ruins!

Ele tentou impedi-la de abrir a porta, mas era tarde demais. O balde de água deixou o cabelo ondulado liso e o casaco azul-marinho pingando. Ela arregalou os olhos, os braços abertos, a boca escancarada.

Corrigan olhou à volta. No piso do *hall*, duas toalhas e dois roupões novos e uma quantidade enorme de itens que não eram dignos de serem mencionados.

Ele sabia que uma gargalhada significaria dormir no estábulo o mês inteirinho. Mas não conseguiu se conter. E depois de dar uma olhada no chão, ela também não se conteve.

**\*\*\*Fim\*\*\***